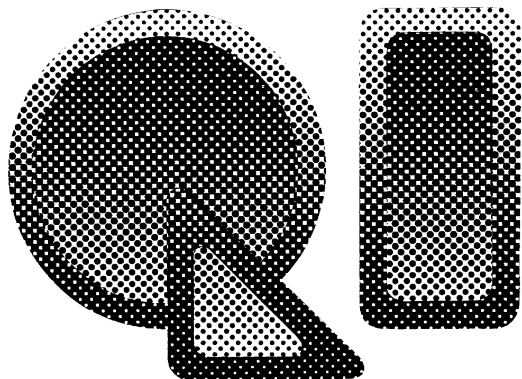
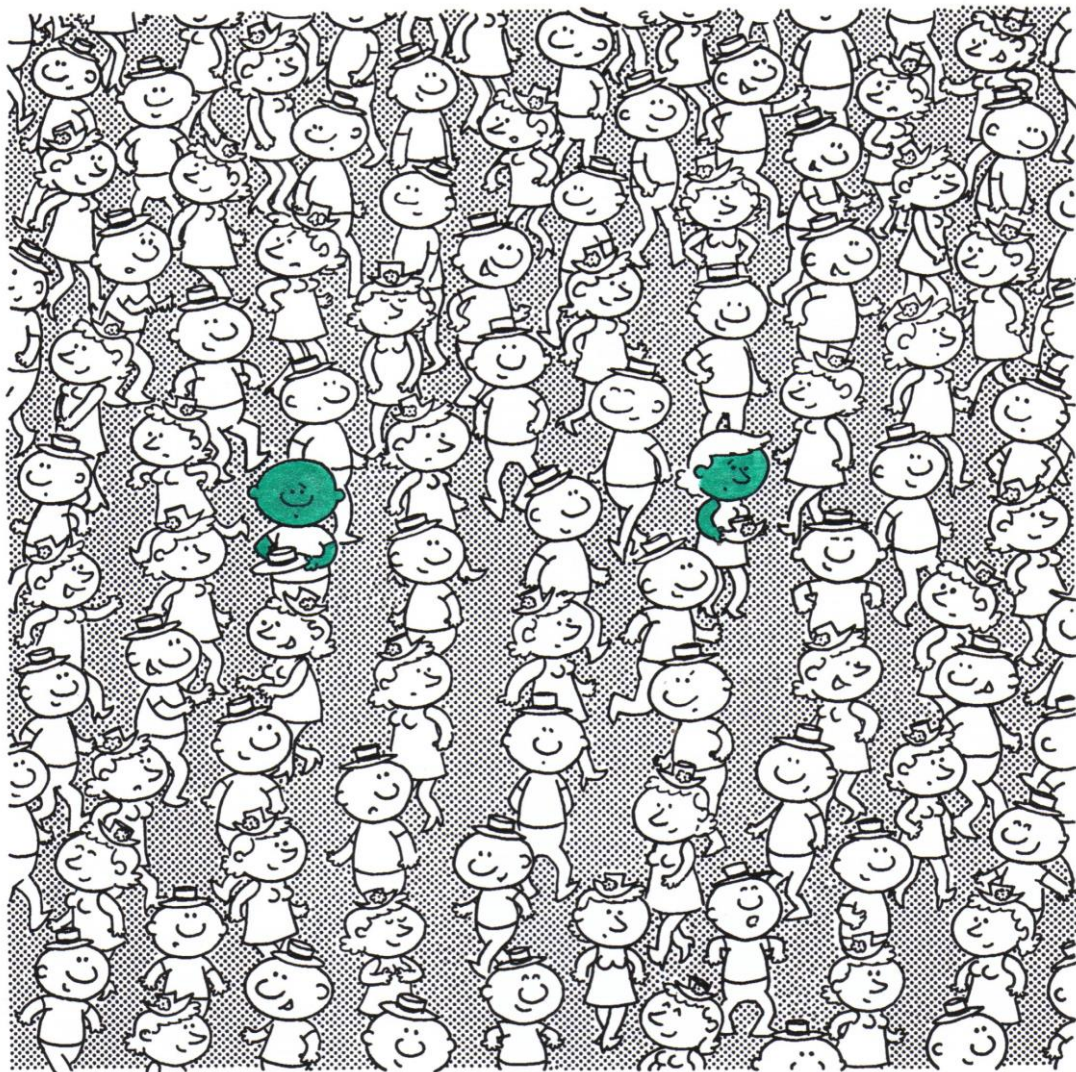




140



LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 6

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em depósito bancário a **EDGARD GUIMARÃES**.

Mônica e Cebolinha Especial (Abril/jun/1974) (R) – R\$ 10,00 * **Mônica e sua Turma** (Abril/jun/1975) (R) R\$ 10,00 * **As Melhores Piadas do Cebolinha** (Abril/jul/1977) (R) – R\$ 10,00 * **Mickey** (Abril) 219 (R) – R\$ 4,00 * **Suplemento Pato Donald 25 Anos** (Abril) 1 (B) – R\$ 5,00 * **Mickey 60 Anos** (Abril) (R) 1 – R\$ 5,00 * **Almanaque do Superpato** (Abril) (B) 2, 3, 5 – R\$ 5,00 c/ * **Tio Patinhas Especial** (Abril) (R) 6, 13 – R\$ 5,00 c/ * **Pateta** (Abril/2004) (B) 2, 3 – R\$ 3,00 c/ * **Minnie** (Abril/2004) (B) 3, 10 – R\$ 3,00 c/ * **Manual dos Jogos Olímpicos** (Abril/1988) (B) – R\$ 10,00 * **Manual do Escoteiro Mirim** (Abril/1988) (B) – R\$ 10,00 * **As Grandes Piadas do Cebolinha** (Globo) (R) 10 – R\$ 5,00 * **As Melhores Piadas do Penadinho** (Abril) (R) 18 – R\$ 5,00 * **As Melhores Piadas do Puff** (Abril) (B) 6 – R\$ 5,00 * **He-Man** (Abril) (R) 2, 18, 19 – R\$ 4,00 c/ * **Thundercats** (Abril) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Bravestarr** (Abril) (R) 1, 2, 4, 5 – R\$ 3,00 c/ * **Patrícia** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34 – R\$ 5,00 c/ * **Gordo&Cia** (Abril) (B) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 20, 22, 23, 27, 30, 32, 34, 37, 38 – R\$ 5,00 c/ * **Turma do Fofura** (Abril) (B) 1, 2 – R\$ 5,00 c/ * **Trapalhões** (Abril) (R) 1, 2, 3, 5, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 76, 77 – R\$ 4,00 c/ * **As Aventuras dos Trapalhões** (Abril) (R) 1, 2, 4, 7, 10, 12, 14, 17, 18, 29, 33 – R\$ 4,00 c/ * **Almanaque Aventuras dos Trapalhões** (Abril) (R) 1 – R\$ 4,00 * **Almanaque Abril Jovem** (Abril) (B) 6, 7, 11 – R\$ 5,00 c/ * **Revista do Gugu** (Abril) (B) 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 – R\$ 5,00 c/ * **Dragon Ball** (Abril/1ª minissérie) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 as duas * **Dragon Ball** (Abril/2ª minissérie) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 as duas * **Cacá e Sua Turma** (Abril) (R) 3 – R\$ 4,00 * **Seleção Disney** (Abril) (R) 5 – R\$ 3,00 * **Almanaque Alegria** (Abril) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Alegria** (Abril) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57 – R\$ 4,00 c/ * **Zagor** (Vecchi) (B) 53 – R\$ 5,00 * **Tex** (Vecchi) (R) 128, 133, 142, 149 – R\$ 4,00 c/ * **Diabolik** (Vecchi) (P) 2 – R\$ 4,00 * **Viva Mad** (Vecchi) (B) – R\$ 5,00 * **Tex Ouro** (Mythos) (B) 9 – R\$ 10,00 * **Almanaque Sobrenatural** (Vecchi) (B) 1, 2 – R\$ 10,00 c/ * **Spektro** (Vecchi) (B) 13, 14, 17, 18, 19, 22 – R\$ 15,00 c/ * **Pesadelo** (Vecchi) (B) 2, 3, 4 – R\$ 15,00 c/ * **Sobrenatural** (Vecchi) 4, 5, 7, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20 – R\$ 10,00 c/ * **Histórias do Além** (Vecchi) (B) 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 16 – R\$ 10,00 c/ * **Supersex** (Concorde) (B) 1 – R\$ 5,00 * **Sexorama** (Concorde) (R) 3, 6 – R\$ 5,00 c/ * **Máfia** (Idéia) (R) 1, 2, 4 – R\$ 5,00 c/.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 140 JULHO/AGOSTO DE 2016

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (12) 3941-6843 – 2ª a 5ª feira, após 20h.
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 25,00

Assinatura anual correspondente aos nºs 137 a 142

Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro

ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388

operação 001 – conta corrente 5836-1

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

Envie, para meu controle, informações sobre o depósito:
dia, hora, cheque ou dinheiro, caixa automático ou lotérica.

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

Este número do “QI” acabou saindo com mais páginas do que o normal. O número de textos e colaborações, e principalmente a seção ‘Fórum’, levaram a isso. Poderia ter deixado alguma coisa para o próximo número, mas, se já está pronto, então, imprima-se.

Os colaboradores continuam prestigiando o “QI”: José Ruy, Paulo Miguel dos Anjos e Jefferson Adriano, Chagas Lima, Lio Bocorny, Luiz Cláudio Lopes Faria, Guilherme Amaro, Eduardo Guimarães, Cesar Silva, Worney, além dos participantes da seção ‘Fórum’, que, desta vez, superaram as expectativas.

Somente a seção de ‘Edições Independentes’ ficou meio miúda, mas isso pode ser devido à Olimpíada, quem sabe?

Carlos Gonçalves presenteia os leitores do “QI” com mais um encarte, dessa vez dedicado às Histórias em Quadrinhos de Terror.

O ‘Poeta Vital’ não aparece na última página, não estava com inspiração. Foi substituído por alguns cartuns velhos de minha autoria.

Boa leitura!

EDGARD GUIMARÃES

DEPOIMENTO DE JOSÉ RUY

Trechos de Depoimento de José Ruy publicado no blog <http://bloguedebd.blogspot.pt>.
Esta sexta parte fala sobre o jornal “Cavaleiro Andante”.

O PORQUÊ E COMO FOI CRIADO O “CAVALEIRO ANDANTE”

Pois o **Cavaleiro Andante** foi realmente criado para escoar uma quantidade enorme de papel que se acumulava nos armazéns da Empresa Nacional de Publicidade a que o **Diário de Notícias** pertencia. Este importava da Finlândia o papel em bobinas mas o seu tamanho na largura excedia a medida da rotativa e o formato do jornal. As bobinas eram serradas no excedente produzindo pequenas frações que se iam acumulando. Numa tiragem diária de 100 mil exemplares pode-se calcular a velocidade a que os armazéns ficavam lotados.

Que fazer a tanto papel? Era um desperdício mandá-los para a reciclagem. Foi aí que o inventivo José Gonçalves pensou num pequeno jornal infanto-juvenil onde aplicasse esse papel dando assim vazão às bobinas. Encontrou uma rotativa offset com esse formato e foi assim que o **Cavaleiro Andante** surgiu sujeito àquela medida, e substituindo o **Diabrete**.

Esta rotativa tinha 60 centímetros de largura e utilizava as tais bobinas excedentes. Portanto este jornal nasceu com papel já pago e reunia todas as condições para dar certo.

Nada se desperdiçava naquela empresa. Tudo se transformava num ciclo de reaproveitamento. Um dia poderei contar pormenores de recuperações inimagináveis, de produtos que hoje vejo deitar para o lixo sem a preocupação de os reutilizar.

Durante o período da colaboração que mantive durante alguns anos no **Cavaleiro Andante**, criei várias histórias.



Página de *Ubirajara*, como publicada em **Cavaleiro Andante**
e página de *O Bobo*, adaptada para publicação em álbum do Editorial Notícias.

Quando estava a terminar a publicação de *O Bobo*, o Simões Müller perguntou-me o que pensava fazer a seguir. Tinha entretanto descoberto a *Peregrinação* através do Teixeira Coelho, que até já a havia iniciado em HQ com apenas três tiras de propósito para a primeira exposição de Histórias em Quadrinhos, no Palácio da Independência em Lisboa, em 1952.

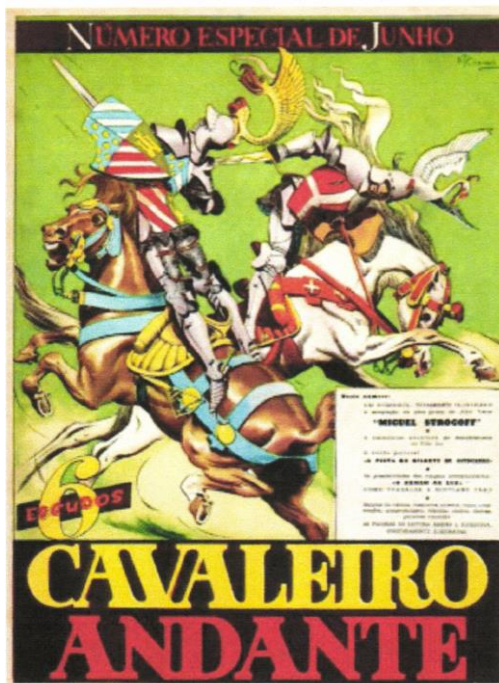
O Coelho antes de partir para a França sugeriu-me que fizesse essa história, pois ele não a ia continuar nem planeava fazê-lo mais tarde. Em França dedicar-se-ia a outro tipo de temas, como aconteceu. Depois de ler esse original fiquei apaixonado, por isso disse ao Müller que era essa a história seguinte.

Ele torceu o nariz, Fernão Mendes Pinto confessava nos seus escritos ter sido pirata... por que não fazia eu antes os *Fumos da Índia*? Mas encontrava-me bastante determinado, e durante umas semanas fui argumentando com o Müller que se tratava de uma história com empolgantes aventuras, que tinha episódios históricos e até de heroísmo em locais exóticos. Anuiu por fim, depois de lhe mostrar algumas pranchas que havia já adiantado.

Essa adaptação estendeu-se por 75 semanas, e as reações que chegaram à redação foram todas positivas.

Claro que tive o cuidado de construir a personagem sem barba, para se afastar o mais possível do aspecto do “pirata padrão, barbudo e com pala no olho”, que o cinema na altura nos mostrava e através das séries inglesas em quadrinhos. Talvez por isso a censura não me tenha incomodado, embora o Fernão Mendes Pinto fosse considerado pelos mentores dos bons costumes da época um escritor maldito.

Vinte e dois anos depois viria a reformular essas pranchas para publicação em livro, inserindo balões nas vinhetas, conseguindo assim um maior dinamismo na narrativa.



Página de *Peregrinação* reformulada para publicação em álbum da editora Meribérica e capa de Eduardo Teixeira Coelho para número especial de *Cavaleiro Andante*.

O José Gonçalves era um grande admirador do Teixeira Coelho e por várias vezes me deu a conhecer. Um dia, sabendo de minha ligação de amizade com o Coelho, perguntou-me se ele aceitaria trabalhar para o *Cavaleiro Andante*. Disponibilizei-me para o contacto pois nessa altura encontrava-se já em França. Começou por fazer capas para os números especiais e a sua história *Harpa de Ouro* foi mesmo publicada no *Cavaleiro Andante*. Mas por vontade do José Gonçalves.

Conto um episódio inusitado acontecido ainda no tempo do *Diabrete*, que mostra como funcionava a redação deste jornal. O *Mosquito* fazia permuta dos desenhos do Teixeira Coelho com o jornal *Chicos* de Espanha, recebendo os de Jesus Blasco, Emílio Freixas e outros autores. O Tiotónio tirava provas de prelo em papel cristal das ilustrações do Coelho, que serviam de fotólitos para a impressão no jornal *Chicos*, e enviava-as pelo correio. A Consuelo Gil, diretora desse jornal, utilizava esses desenhos soltos para ilustrar novelas escritas de propósito pelos seus colaboradores, inspiradas nas cenas explícitas nessas ilustrações. Por sua vez o jornal *Chicos* vendia para Portugal, para o Simões Müller, desenhos da Pili Blasco, irmã do Jesus Blasco, e de outros autores espanhóis que eram publicados no *Diabrete*.

Certa vez num desses lotes, por distração, vieram juntos desenhos do Teixeira Coelho, já publicados n' *O Mosquito* e no *Chicos*. Na redação do *Diabrete* não se aperceberam que esses desenhos não eram espanhóis, e publicaram-nos. Claro que o Raul Correia e o Tiotónio reclamaram de imediato. Espantado, o Müller pediu imensa desculpa, pois não tinha reparado que eram desenhos do Teixeira Coelho. Era evidente que não lia *O Mosquito* e não o observava, como os diretores deste jornal faziam com todas as publicações concorrentes existentes na altura. Era preciso estar atento ao que se publicava à volta. Fazia parte da ética.

Mas tudo tem os dias contados e o *Cavaleiro Andante* terminou a sua “cavalgada”. No entanto para escoar o muito material que o Simões Müller havia adquirido aos franco-belgas, criaram a *Nau Catrineta* como suplemento integrado no *Diário de Notícias*. Embora já a trabalhar em outra empresa, continuei a colaborar com desenhos para essa publicação.



Ilustração de **Jeferson Adriano** com Benjamin Peppe, de **Paulo Miguel dos Anjos**.



Colaboração de Chagas Lima.

MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

HQs ANUNCIADAS E NÃO PUBLICADAS

LIO GUERRA BOCORNY

Um fato que aborrecia os leitores e principalmente os colecionadores dos quadrinhos eram as edições inconclusas.

Costumava acontecer com as editoras “nanicas”, quando menos se esperava as publicações eram interrompidas.

A Rio Gráfica se comunicava pouco com os leitores e tinha o péssimo hábito de não datar suas revistas, entretanto cumpria rigorosamente o plano da obra.

Já a integração entre o leitor e a Ebal era perfeita, o mago Aizen vivia o que fazia.

Dessa saudosa editora, tenho a lembrança da promessa do **Almanaque de Heróis 1951**, que não circulou pela escassez de papel.

A maior frustração de colecionadores foi o anúncio dos 36 números de **Biografias em Quadrinhos** e a entrega de apenas 12 (mais um especial sobre Billings). Os apreciadores de biografias deixaram de ler: Dostoiévsky, Wagner, Nobel, Cervantes, D’Annunzio, Pasteur, San Martin, José Marti, Washington, Padre Hidalgo, Ponce de Leon, João Cabot, Cabral, J. H. Dunant, Benito Juarez, Edson, Balboa, Humboldt, Irmãos

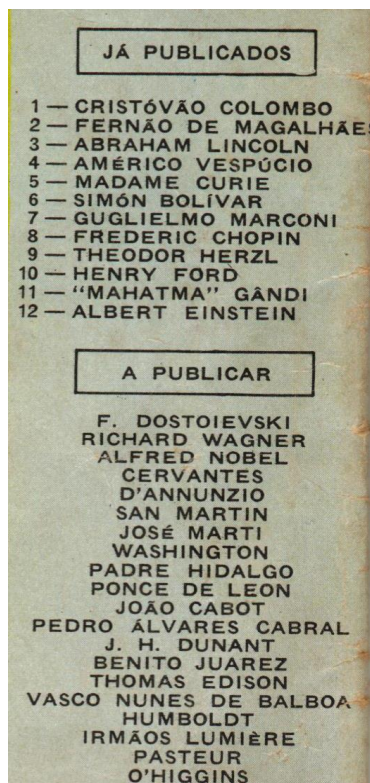
Lumiere,
O’Higgins,
Pizarro, Morazan,
Jimenez e Cabeza
de Vaca.

A Ebal também anunciou o **Cinemim Nostalgia** nº 4, **Spartacus**, que acabou não saindo.

A La Selva divulgou a **Aventuras Heróicas** nº 33, **Iracema**, que não chegou às bancas.

Em 1953, a revista **Capitão Atlas**, que fazia sucesso, anunciou seu número 25, que não saiu, deixando aventura incompleta.

Até a RGE, sempre ciosa, interrompeu no número 10 seu **Romance Ilustrado**, não obstante ter anunciado seu nº 11 com três interessantes títulos (1950): *A Noite de São Bartolomeu* de Prosper Merimée, *Cirano de Bergerac* de Edmond Rostand e *O Cavaleiro de Estoches* de Barbey D’Aurevilly.



O neto e o Vovô!!

O neto chega NO AVÔ e pede!
Vovô o senhor bate as botas
PRA MIM!!

Bater as botas??
Por que??



A MAMÃE FALOU que quando o senhor
bater as botas NOS VAMOS PARA A
Disney!!



Luiz
FARIA

CRIANÇA TEM CADA UMA!!

O Filho pergunta para o pai!

Pai o que é um gênio?

Pergunte à
sua mãe,
já que
ela se
casou com
um.



O que? Não sabia
que a mamãe tinha se casado
duas vezes !!!!



Luiz
FARIA

DIVISÃO DE BENS!!

Dois amigos se encontram depois de
muitos anos:

Olá, tudo bem? Como vai a vida?

Casei, separei, acabamos de
fazer a partilha dos bens!

E as crianças??



O juiz decidiu que ficariam
com aquele que mais bens
recebesse.

Entendi, Ficaram com a
Mãe?

Não! Ficaram com
nosso advogado.



Luiz
FARIA

Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.

RODOLFO ZALLA

Edgard Guimarães

No dia 19 de junho de 2016, faleceu Rodolfo Zalla, um dos grandes nomes das Histórias em Quadrinhos Brasileiras. Nasceu em 20 de julho de 1931 em Buenos Aires, na Argentina, começou sua carreira de quadrinhista no começo da década de 1950 e mudou-se para o Brasil em 1963. Sua carreira na área dos Quadrinhos no Brasil foi extremamente frutífera, apesar das condições ruins para o exercício dessa atividade no país.

Alguns destaques em sua carreira. Em meados da década de 1960, criou, juntamente com Eugenio Colonnese, o Estúdio D-Arte, para produção de HQs para as várias editoras de revistas de quadrinhos de São Paulo. As principais características do trabalho da dupla foram a produção em grande quantidade e o cuidado com a documentação, em especial nas histórias de guerra. No final da década de 1960 e início da de 1970, Zalla e Colonnese foram pioneiros na produção de livros didáticos quase totalmente em Quadrinhos, iniciativa inédita do professor Julierme de Abreu e Castro para o IBEP – Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. No início da década de 1970, Zalla colaborou com a editora Abril principalmente criando histórias do Zorro, pois o material original norte-americano, feito por Alex Toth, não era mais produzido. E a partir do início da década de 1980, Zalla criou a editora D-Arte, publicando duas das melhores revistas de terror já aparecidas no Brasil, **Calafrio** e **Mestres do Terror**, relançando personagens clássicos, reabilitando autores veteranos e lançando novos valores.



A biografia de Rodolfo Zalla é extensa, não vou detalhá-la aqui, ao contrário, pretendo ilustrar esta pequena homenagem com 3 passagens nas quais tive participação e que dão uma amostra da personalidade de Zalla.

As revistas de terror da editora D-Arte, além de lançarem novos nomes nos quadrinhos, também davam espaço a iniciantes ainda em formação. Um espaço limitado, de 2 páginas apenas, como incentivo aos aspirantes a quadrinhistas. Embora na época eu já atuasse no Magistério e não tivesse expectativa de me profissionalizar na área, enviei uma HQ para a seção do leitor. A HQ foi publicada e logo recebi em casa carta de Zalla acompanhada de cheque em pagamento às duas páginas. O valor pago, como a carta esclarecia, era a metade do valor pago às colaborações encomendadas. Era um valor relativamente baixo, já que a revista não tinha tiragens muito altas. Além do cheque, recebi uma assinatura de 6 números da revista **Mestres do Terror**. O episódio ilustra o tipo de comportamento de Zalla em relação aos iniciantes, valorizando com pagamento mesmo aqueles que se sentiriam honrados apenas pela publicação de suas páginas na revista.

Um segundo episódio mostra a atenção pessoal de Zalla com seu leitor. As revistas da D-Arte sofriam com a distribuição, já que não eram produzidas por uma grande editora. Assim, perdi alguns números, que não chegaram às bancas que frequentava. Por isso, planejei uma viagem a São Paulo para, entre outras coisas, comprar os números faltantes diretamente na editora. Anotei o endereço, na Avenida Brigadeiro Luis Antônio, e para lá me dirigi. Desci no metrô da Paulista e desembeitei Brigadeiro abaixo à procura da editora. O número era de um prédio de apartamentos. O porteiro logo entendeu que eu procurava o Zalla e me mandou subir. A ficha só caiu quando cheguei ao apartamento residencial onde Zalla morava com a esposa. Já era por volta de 11h da manhã, mas tive a impressão de que para eles o dia estava começando. Zalla me atendeu com toda a atenção e buscou em um dos quartos os números que me faltavam. Na hora de pagar, não cobrou o preço de capa, mas somente a parcela que caberia a ele, descontando a parcela que caberia aos distribuidores. Nunca me passaria pela cabeça que o preço a pagar não fosse o da capa. Por acaso, hoje, as editoras que vendem pela internet cobram apenas a parte que lhes cabe?

O terceiro episódio ocorreu quando editei, em 1994, de forma independente, um livro sobre Rubens Lucchetti e Nico Rosso. O livro tinha 312 páginas e alguns exemplares eu mandei encadernar com capa dura e sobrecapa em veludo preto. Levei um desses volumes para divulgar num evento em São Paulo. Zalla viu o volume, olhou rapidamente o conteúdo e não teve dúvida em adquirir o exemplar. Não questionou o preço (que, pelo volume da edição, não era muito baixo), assinou o cheque e garantiu seu volume. Valorizou de pronto o trabalho meu e de seus colegas enfocados no livro.

Em várias outras ocasiões, encontrei-me com Zalla em eventos de Quadrinhos. Uma das coisas que ouvi dele é que ele só conseguiu manter a editora D-Arte porque fazia a impressão no IBEP a preço subsidiado, muito inferior ao de mercado. Senão, não seria viável. Mas, por outro lado, não podia aumentar tiragens ou lançar novos títulos.



Ilustração de Guilherme Amaro.

MATT MARRIOTT



Reprodução de original da tira de Matt Marriott, pertencente ao colecionador português Alberto Soares, que possui os originais de toda a sequência correspondente à 46ª aventura da série, intitulada 'A Recompensa'. A partir desses originais, José Augusto Pires fez o 46º volume da coleção "Fandwestern Especial" dedicada a Matt Marriott.

umas lembranças e tal...



os maravilhosos FRACASSADOS



Em 1990 eu descobri o som psicodélico dos anos 60, mas nada de parada hippie tipo: Woodstock, Raul e cia. Eu gostava de garage rock com um pé no absurdo e experimental. Quem me colocou nessa fita foi o Zêca que trampava de atendente em uma loja de discos usados: a Cantinho Discos!

O Zêca sempre comprava o melhor para ele e se gabava depois de suas raridades...



Vida longa e próspera!

ah! Betão!
seu lance
é ser o
Kirk...
to ligado!

Saca o que
eu comprei!



RAIO NEGRO

Edgard Guimarães

A partir da ilustração de **Marcos Fabiano Lopes**, apresentamos informações sobre o herói Raio Negro, começando com o que já foi registrado em obras de referência.

O Mundo dos Quadrinhos, de Ionaldo Cavalcanti:

“Criação brasileira de Gedeone Malagola, em 1965, também autor do Homem Lua. O Raio Negro na outra identidade é o Tenente Roberto Sales, da Força Aérea Brasileira, que recebeu seus poderes de um habitante de Saturno, Lid, por ocasião de uma viagem espacial num foguete lançado da Barreira do Inferno. Roberto ganha de Lid um anel de luz negra, com o qual obtém os superpoderes que o tornam indestrutível.”

Heróis Nacionais, de Eduardo Cimó:

“Criação e desenhos de Gedeone Malagola, Raio Negro foi publicado pela Editora GEP, no ano de 1965. Raio Negro apareceu em gibi próprio, dois almanaques e duas aparições especiais no gibi dos X-Men. Em 1982, ele volta a ser publicado pela Grafipar, de Curitiba, com capa de Watson Portela. No seu número 9, Raio Negro foi desenhado por Rodolfo Zalla e roteiro de Luís Meri; no número 12 foi escrito e ilustrado pelos irmãos Luiz e Edmundo Rodrigues. O Tenente da FAB, Roberto Sales, ao tentar salvar um homem de Saturno, recebe um anel de luz negra, que o torna um super-homem, transformando-se no Raio Negro, defensor das causas do bem.”

Catálogo de Heróis Brasileiros, de Lancelott:

“Criação máxima de Gedeone Malagola em 1964, estreando pela GEP em 1965 em sua própria revista. Durou 13 edições e vários especiais... É o super-herói brasileiro que mais encantou os leitores de Quadrinhos... Em nossa Golden Age, nos anos 60, foi debut de muitos heróis criados apaixonadamente pela ideia de termos nossos “tupiniquins”... Muitos foram bebidos dos americanos, mas nem por isso menores... Raio Negro, apesar do arquétipo Lanterna Verde, adquiriu personalidade brasileira...”

A Saga dos Super-Heróis Brasileiros, de Roberto Guedes:

“O gibi do Raio Negro foi lançado em fevereiro de 1965 pela GEP (Gráfica Editora Penteado) – a nova casa editorial de Miguel Penteado. Sua história de origem era semelhante a do “novo” Lanterna Verde da DC Comics (criado em 1959 por John Broome) e seu traje era quase igual ao do Cíclope dos X-Men (os famosos mutantes da Marvel Comics). O traço simples e os roteiros criativos cativaram os fãs. (...) De acordo com os comentários do próprio Gedeone, numa republicação da Grafipar de 1981: ‘Apresentei o Homem-Lua, mas como não era super, mandaram-me olhar o Green Lantern, e, às pressas, surgiu o Raio Negro, com sucesso!’ Vale lembrar que, apesar de tirar proveito de personagens então desconhecidos dos leitores brasileiros (caso de Cíclope e Lanterna Verde), ainda assim teve o mérito de fazê-lo antes do boom dos Super-Heróis Shell.”

Diversas vezes, Gedeone explicou a origem de Raio Negro, mas foi no fanzine **Gedeone Malagola 80 Anos**, editado pelo próprio Gedeone e José Salles em 2006, que entrou em mais detalhes. Segundo Gedeone, Miguel Penteado, dono da GEP – Gráfica e Editora Penteado, pediu-lhe para fazer um herói mascarado para uma nova revista. Gedeone criou o Homem-Lua, herói que usava um globo opaco na cabeça, para esconder a identidade. Essa máscara inusitada em forma de globo era o diferencial do personagem. O restante do uniforme era bastante comum e sua fonte de inspiração era o Fantasma, de Lee Falk, um dos personagens mais influentes de todos os tempos. Gedeone produziu a primeira aventura com o herói, com 23 páginas, com bastante capricho, usando inclusive retículas para valorizar as imagens, e fez também a ilustração para a capa da revista. Ao apresentar o material para Penteado, Jayme Cortez, o Diretor de Arte da editora, presente no momento, recusou a história e entregou a Gedeone algumas revistas norte-americanas de Green Lantern, Flash e Adam Strange, para que criasse um herói nos moldes de algum deles. Questionando se não “iria dar galho” copiar os personagens, segundo Gedeone, Cortez completou que não haveria problema, pois jamais algum desses heróis seria editado no Brasil. Gedeone foi para casa e achou a história de Green Lantern a mais interessante. Baseou-se nela para criar o Raio Negro, fazendo rapidamente uma história de 9 páginas com sua origem. Conseguiu convencer Penteado a fazer o primeiro número da nova revista **Raio Negro**, acrescentando a aventura de Homem-Lua já produzida. Assim, a revista saiu com o personagem secundário com aventura maior do que o principal.



Foi desse modo que Gedeone recordou a passagem. No entanto, há alguns aspectos curiosos. O Lanterna Verde foi recriado por John Broome, com arte de Gil Kane e Joe Giella, para a revista **Showcase** nº 22, de setembro/outubro de 1959. Saiu ainda nos dois números seguintes da revista antes de ganhar revista própria, **Green Lantern**, em julho/agosto de 1960. E o personagem logo passou a integrar a Liga da Justiça em sua revista original. Assim como Flash e Adam Strange, Green Lantern era personagem de DC, que era largamente publicada no Brasil pela Ebal. Então, não tem muito sentido a fala atribuída a Cortez de que esses personagens jamais seriam editados no Brasil. O que é de estranhar é por que a Ebal demorou tanto para publicá-los. O Lanterna Verde só foi aparecer na revista **Os Justicheiros**, de setembro de 1967, em aventuras da Liga da Justiça; Flash apareceu em revista própria em outubro de 1967. Aparentemente, a primeira história de Lanterna Verde retirada de **Green Lantern**, publicada pela Ebal, foi no nº 60 de **Batman** (3ª série), em outubro de 74, retirada da original nº 28, de 1964. A primeira história de Lanterna Verde, contando sua origem, só saiu pela Ebal em **Origem dos Heróis** nº 2, em 1975.

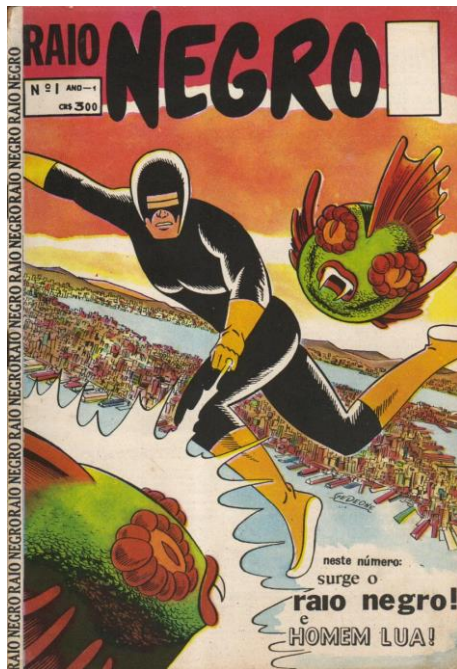
Mas quando Cortez se referiu ao ineditismo de Green Lantern no Brasil, na verdade o personagem já havia aparecido uma vez em revista brasileira. A editora O Cruzeiro publicou a revista **Homem no Espaço** em 1961 e 1962 com aventuras de Adam Strange, com o nome Joe Cometa. O nº 12 (ano 2) de **Homem no Espaço**, publicada em dezembro de 1962, trouxe aventura de Adam Strange retirada de **Mystery in Space** nº 75, com a participação da Liga da Justiça. Lanterna Verde recebeu dos tradutores de O Cruzeiro o nome Anel Verde.

Todas as obras de referência colocam a criação de Raio Negro e o lançamento de sua revista em 1964 ou 1965. O próprio Gedeone coloca o lançamento da revista em 1965 – “confesso que não me lembro o mês, possivelmente fevereiro”. Acontece que o nº 1 da revista tem preço CR\$ 300 e o nº 2, NCR\$ 0,35. A mudança da moeda, no Brasil, de Cruzeiro (Cr\$) para Cruzeiro Novo (NCR\$) se deu por decreto com vigência a partir de 13 de fevereiro de 1967. Portanto, considerando que as histórias e as revistas foram feitas “a toque de caixa”, como se vê nos depoimentos de Gedeone, a criação do personagem deve ter se dado no final de 1966 e o primeiro número da revista lançado em janeiro ou fevereiro de 1967. O segundo número não pode ter saído antes de março de 1967.

A revista teve 15 números editados, não dá para saber com qual periodicidade. Talvez o intervalo tenha sido entre um e dois meses. Portanto, durou até o final de 1968, início de 1969. Além da revista, houve um **Super Almanaque Raio Negro 1968!**. Este almanaque trouxe quase 100 páginas apenas com histórias inéditas e, pela lógica, teria sido lançado no final de 1967 (há uma carta de Gedeone datada de novembro de 1967 publicada na página 96) ou início de 1968. Esse era o procedimento das editoras na época, lançar em dezembro o Almanaque com data do ano seguinte. Não foi, como se poderia supor, uma edição para aproveitar histórias não publicadas com o cancelamento da revista. A seção de cartas na página 97 diz que o nº 6 da revista ainda não havia sido lançado. E adianta os conteúdos dos números 6, 7 e 8 da revista, indicando que essas histórias já estavam prontas. No entanto, somente no nº 7 da revista é que apareceu anúncio desse **Super Almanaque**. Ou o Almanaque demorou para sair ou o anúncio saiu atrasado. Dá para deduzir que Gedeone produzia material suficiente para uma revista mensal, pois, ao final de um ano, tinha cerca de 100 páginas inéditas, o que possibilitou o lançamento do **Super Almanaque**. Algumas histórias presentes no Almanaque estavam situadas cronologicamente após as histórias publicadas nos nºs 7 e 8 de **Raio Negro**, o que leva a pensar que saiu realmente depois do planejado. Caso o Almanaque tenha mesmo saído logo após o nº 5 de **Raio Negro**, o leitor da época deve ter estranhado. O Almanaque trouxe ‘A Volta da Mulher-Gato’, mas a espia só teve aventura de estreia no nº 8 da revista. No Almanaque, Raio Negro já é Capitão, mas sua promoção só apareceu em aventura publicada no nº 7 da revista. Todas essas conjecturas devem-se tão somente ao péssimo hábito que a maioria das editoras tinha de não colocar data em suas publicações.

Houve ainda um **Almanaque Raio Negro**, com 160 páginas, capa de Sérgio Lima, possivelmente lançado após o término da revista, em 1969, este um almanaque de encalhe, reunindo 5 revistas. Não dá para saber se todos os exemplares traziam os mesmos números de **Raio Negro**. O exemplar a que tive acesso trouxe os números 2, 1, 4, 5, e 6 da revista.

Além de Raio Negro e Homem-Lua, a revista trouxe também algumas aventuras de Hydroman, criação de Gedeone e Momoki Akimoto. Ao todo, Gedeone Malagola produziu 24 histórias de Raio Negro, totalizando 302 páginas; 11 histórias de Homem-Lua, totalizando 141 páginas; e 3 histórias de Hydroman, totalizando 33 páginas. A maioria teve texto e arte de Gedeone. As de Hydroman e umas poucas de Raio Negro e Homem-Lua tiveram o desenho a lápis de Akimoto. Alguns roteiros de Raio Negro e Homem-Lua são atribuídos a Teresa Sales. Na 3ª capa de **Super Almanaque**, há a informação de que Teresa Sales serviu de modelo para a Princesa Ananka, da revista **Múmia**, desenhada por Sérgio Lima, e para a Princesa Azora, namorada do Homem-Lua. Talvez fosse funcionária da editora GEP. As letras, de modo geral, foram atribuídas a Jean Paulo.



No segundo ano da revista **Raio Negro**, a produção de Gedeone diminuiu o ritmo, talvez porque tenha começado a fazer faculdade. O nº 9 da revista trouxe duas HQs de Raio Negro escritas por Luis Meri e desenhadas por Rodolfo Zalla, totalizando 29 páginas. A capa não tem assinatura. O nº 13 também trouxe duas HQs de Raio Negro com desenhos creditados a Edno e Edmundo Rodrigues, totalizando 29 páginas. A capa tem o traço de Edmundo. E o nº 15 trouxe três HQs de Raio Negro com desenhos de Luiz Rodrigues, totalizando 29 páginas. Os roteiros são atribuídos a Gedeone, mas talvez não tenham sido de sua autoria. A ilustração de capa é de Gedeone. Essas histórias de Raio Negro, feitas por outros autores, foram feitas à revelia de Gedeone e não o agradou essa iniciativa da editora, embora tenha gostado do resultado obtido por Zalla e Edmundo.

A primeira história de Raio Negro, apesar de inspirada em Lanterna Verde, é bem interessante. Sob certo aspecto, é mais convincente do que a história original. Gedeone situou a trama na corrida espacial, que era o assunto da época (a descida dos norte-americanos na Lua foi em 1969), e inseriu o Brasil no contexto. Embora, segundo Gedeone, a história tenha sido feita às pressas, houve bastante cuidado na documentação. Nas poucas páginas da história, são mostradas a escolha e preparação do primeiro astronauta brasileiro, o Tenente Roberto Sales, e seu lançamento no foguete *Santos Dumont I*. Já no espaço, faz contato com uma nave de Saturno, cujo piloto, ferido, precisa de ajuda para enviar a nave de volta, automaticamente, ao seu planeta. Em troca, o alienígena, chamado Lid, dá ao Tenente o seu anel de luz negra. Segundo Lid, “o anel o transformará em um super-homem... é um anel feito com a energia magnética de Saturno”. A nave parte para Saturno, com seu piloto moribundo, e o Tenente volta à Terra em sua cabine espacial. Uma vez na Terra, o Tenente pensa com calma na missão que jurou cumprir – usar o anel somente para o bem. Faz uma roupa parecida com a de Lid, acrescentando capuz e um visor, e assim surge Raio Negro. Embora esta seja sua primeira história, Raio Negro, em seu traje de herói, só aparece no primeiro quadro e no último.

Alguns comentários sobre este primeiro número. O uniforme de Raio Negro é um uniforme simples mas muito atraente. Já se considerou que foi inspirado no uniforme de Cíclope, dos X-Men, por causa do visor, mas Gedeone já declarou que não conhecia o herói da Marvel na época. A ideia para o uniforme talvez tenha sido uma mistura dos uniformes do próprio Lanterna Verde (sem o macacão) e do Fantasma (o tipo da máscara), sendo que o visor foi inspirado, segundo Gedeone, num vilão chamado Slits, da série *Terry e os Piratas*, em aventura de 1946. A capa foi inspirada na capa do nº 4 de **Green Lantern**, de janeiro/fevereiro de 1961. Em vez do foguete, Gedeone acrescentou duas figuras alienígenas que parecem inspiradas na cabeça de um dos primeiros membros da Tropa dos Lanternas Verdes, Tomar-Re, que estreou no nº 6 de **Green Lantern**. Gedeone comentou que essa capa de **Raio Negro** nº 1 trouxe muita reclamação dos leitores, pois não tinha relação com a aventura interna. O nome da identidade civil de Raio Negro imaginado por Gedeone foi Roberto Campos, mas como havia um economista com este nome, ligado ao regime militar na época, a editora decidiu não usá-lo, mudando para Roberto Sales. O visual do Tenente Roberto Sales foi baseado em um amigo de Gedeone, Pedro Rodrigues, enfermeiro do Hospital Municipal de São Paulo. Na época, os desenhistas brasileiros mantinham o hábito de usar referências fotográficas de modo a conseguir personagens visualmente distintos e bem definidos. Para o principal vilão de **Raio Negro**, o Capitão Op-Art, Gedeone usou a si mesmo como modelo. Segundo Gedeone, como não tinha traços fisionômicos para herói, teve que se contentar em ser o vilão. A página 2 do primeiro número de **Raio Negro** traz um texto apresentando a revista, o herói e altamente elogioso a Gedeone: “... é considerado por todos como o mais perfeito argumentista e roteirista de histórias em quadrinhos do Brasil e um dos melhores do mundo”. Embora a origem de Lanterna Verde tenha saído primeiro na revista **Showcase**, talvez Gedeone a tenha visto no primeiro número de **Green Lantern**, que a repete, em flashback, na primeira história da revista. Ainda uma curiosidade da primeira aventura de Raio Negro: a cápsula brasileira é atraída pela nave alienígena por um “raio negro”, mas como o cenário de fundo – o espaço sideral – é negro, o raio é desenhado “branco”. E nas aventuras posteriores, o anel de Raio Negro sempre emite um “raio branco”.

As aventuras de Raio Negro produzidas por Gedeone precisam ser vistas à luz do contexto da época. O ritmo de produção era muito intenso, Gedeone não se dedicava exclusivamente à revista do herói, que já representava cerca de 30 páginas mensais de roteiro e arte. Somente para a GEP, Gedeone também roteirizava a revista **Lobisomem**. E segundo o texto de apresentação da página 2 de **Raio Negro** nº 1, também produzia roteiros para várias revistas da editora Outubro. Assim, as histórias de Raio Negro eram bastante simples, mais centradas na ação do herói e sem maiores cuidados no desenvolvimento da história. O importante era, num número limitado de páginas, apresentar um problema e fazer o herói resolvê-lo rapidamente com socos e disparos de seu anel. Também no desenho os prazos apertados faziam seus estragos. Se por um lado havia uma preocupação em usar modelos vivos para os personagens e documentação para os cenários, por outro, o ritmo de produção obrigava a fazer referências, às vezes explícita, a outras obras dos Quadrinhos da época.



Assim, ao longo das aventuras de Raio Negro, os mais variados tipos de referência são encontrados, tanto nos desenhos como nos temas das histórias. Alguns exemplos. Na primeira história do nº 2, os insetos gigantes parecem tirados de uma aventura do Fantasma em que ele entra num vulcão para resgatar um helicóptero acidentado. No **Super Almanaque**, o saturniano Lid retorna disfarçado de vilão, cujo uniforme é baseado no de Judô Master, publicado no Brasil, pela editora Ebal, na revista **Judoka**, em 1969. No nº 6, o vilão, o mágico John Foster, é calçado em personagem de *Johnny Hazard*, de Frank Robbins. No nº 9, a primeira história é baseada em *The Moon Snatchers*, de Steve Ditko, publicada em **Space Adventures** nº 27 (fevereiro de 1959). A história em que as referências são mais explícitas foi ‘Magnus o Mágico’, publicada em **Edições GEP** nº 18 (correspondente a **Surfista Prateado** nº 3). Toda a sequência de luta entre Raio Negro e um robô foi decalcada de **Magnus Robot Fighter** nº 5, de fevereiro de 1964, publicação original da Gold Key, republicada no Brasil pela editora O Cruzeiro na revista **Magnus Enfrenta os Robôs** nº 5, de setembro de 1968. Esta história, juntamente com ‘Piratas do Ar!’, provavelmente foram feitas após o cancelamento da revista **Raio Negro**. O desenho está mais bem cuidado e o letreiramento está a cargo de outra pessoa, Isidoro Gomberg. As duas histórias, de 8 páginas cada, saíram como complemento dos nºs 18 e 19 de **Edições GEP** (o segundo referente ao nº 11 de **X-Men**). Gedeone já havia produzido histórias com personagens Marvel (segundo seu depoimento, com autorização da editora) como complemento para várias revistas da coleção **Edições GEP**. O que já era um fato curioso. Completou a curiosidade publicando um herói brasileiro em revistas dedicadas a heróis da Marvel. Outros tempos.

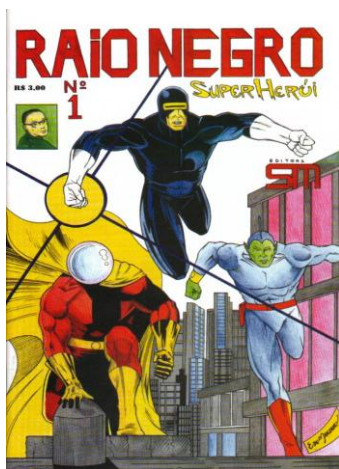
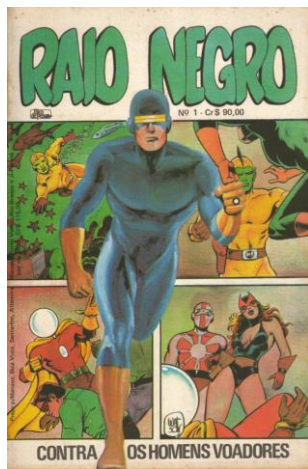
Mesmo com todas essas limitações impostas pelo ritmo de produção exigido pelo mercado e pela editora, várias vezes as histórias saíram do lugar comum, tratando de temas muito interessantes. No nº 3 de **Raio Negro**, fica clara a omissão do governo brasileiro com a formação de cientistas. O vilão é um pesquisador que, não encontrando apoio no Brasil, foge para a Alemanha para conseguir projetar e construir seus foguetes. Raio Negro é mandado para lá para destruir tudo. No **Super Almanaque**, numa das histórias, um menino acha uma lâmpada mágica que contém um gênio. Pede a este que lhe traga riquezas para ajudar a família, e o gênio obedece roubando uma joalheria. Não há riqueza que saia do nada. Em outra história do mesmo Almanaque, o tema gira em torno de um cientista que cria um novo combustível para o programa espacial brasileiro, um tema que atingiria grandes proporções com a crise do petróleo na década de 1970, e que é tema central ainda hoje.

Uma última observação. A **Revista de Cultura Vozes** nº 4 (ano 65), de maio de 1971, trouxe o *Pequeno Dicionário dos Super-Heróis*, escrito por Moacyr Cirne. No verbete do Raio Negro, Cirne conclui: “Talvez o único super-herói brasileiro nos moldes tradicionais americanos.” Talvez Cirne quisesse dizer que era o primeiro inspirado nos super-heróis dos comic books, pois antes as referências eram os heróis das páginas de jornais, capitaneados por Flash Gordon e Fantasma.

Após o cancelamento da revista, os heróis de Gedeone permaneceram apenas na lembrança dos leitores mais fiéis, até que em 1981, a editora Grafipar planejou uma coleção de 6 volumes em formatinho, com cerca de 100 páginas cada. A coleção, com participação de Gedeone, pretendia reunir toda sua produção com os heróis Raio Negro, Homem-Lua e Hydroman. O nº 1 trouxe capa inédita de Watson Portela, mas, infelizmente, foi o único publicado.

Por volta de 1990, a editora Icea lançou nova revista de Raio Negro. A ideia era republicar histórias antigas e produzir novas histórias, a cargo de Gedeone. Saíram apenas dois números, com duas republicações adaptadas e duas aventuras inéditas, com argumentos de Gedeone e desenhos de Rayson Oliveira.

Em 2006, José Salles, à frente da editora independente SM (depois rebatizada Júpiter II) lançou nova revista **Raio Negro**. Publicou não apenas as aventuras clássicas de Raio Negro, Homem-Lua e Hydroman, como aventuras inéditas com novos roteiros de Gedeone, e resgatando trabalhos do autor publicados no início da década de 1950 na editora Júpiter, como Capitão Astral, Capitão Júpiter, Jony Ciclone e A Patrulha do Espaço. A revista acabou no nº 18, de dezembro de 2014, e infelizmente não conseguiu republicar todas as aventuras clássicas de Raio Negro, Homem-Lua e Hydroman.



Capas dos nºs 1 das revistas **Raio Negro** das editoras Grafipar, Icea e Júpiter II, respectivamente.

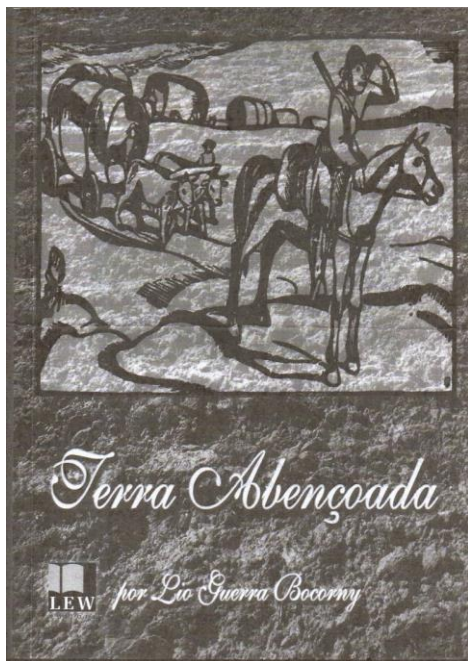
FÓRUM

LIO GUERRA BOCORNY

R. Jerônimo V. das Chagas, 55/104 – Florianópolis – SC – 88063-660

Recebi o “QI” 139 e, como diria o Magnago, já foi devorado. Genial a capa, a qual poderia ter um dos títulos: “Hino à Liberdade” ou “Inveja à Inocência”. Os ‘Cow-boys de Antigamente’ é um artigo sensacional, esgota o assunto com rara habilidade. Nos impressiona o grande comparecimento dos colegas lusitanos no ‘Fórum’ e com que qualidade se apresentam. Lamentável o desaparecimento do Zalla, um irmão argentino que, dos 85 anos vividos, 53 foram em nosso Brasil defendendo com talento as HQs. Gostei muito quando Carlos Gonçalves afirmou que: “... para os leitores só interessava a aventura e o que ela representava no campo da justiça, CASTIGAR OS MAUS”.

Abaixo, cópia da capa de meu último livro, “Terra Abençoada”, que historia a agricultura e a pecuária da cidade de Carazinho, RS, onde vivi por mais de 60 anos. Essa capa foi baseada em xilogravura do pintor alemão Paul Boesch. A obra foi apresentada e homenageada na Câmara de Deputados pelo conterrâneo e amigo Dep. Ronaldo Nogueira de Oliveira, atual Ministro do Trabalho.



ALEX SAMPAIO

P. São Braz, conj.02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

O texto do Clube Português de Banda Desenhada, do Carlos Gonçalves, está muito legal. Seu texto em ‘Desvendando Alma em Matéria Pouca’, onde busca trazer informação sobre os nomes dos personagens, nos mostra o quanto temos que conhecer sobre os heróis. Nossa seção ‘Fórum’ continua dinâmica e esclarecedora. São opiniões objetivas dos nossos amigos leitores, que ajudam a manter o “QI” recheado de detalhes.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

C.P. 3061 – Campinas – SP – 13033-970

Nada ainda do pacote com os exemplares de “On Stage” 15. O pacote foi enviado, se não me falha a memória, no dia 25 de fevereiro. Já na primeira semana de março a transportadora i-parcel fez a postagem (PAC) nos Correios de Guarulhos. De lá para cá eu não tenho como rastrear o pacote. O segundo pacote com pedido do mês passado foi postado (PAC) pela i-parcel no dia 30 de junho. Hoje é 15 e nada ainda. Levar mais de 15 dias para vir de Guarulhos a Campinas já é abusar de nossa paciência.

No “QI” você abordou a questão de nomes completos de batismo de heróis dos quadrinhos. Encontrei uma lista parcial de nomes (sei que tenho uma lista maior, mas não a encontrei):

Steve Canyon	Stevenson Burton Canyon
Buz Sawyer (Jim Gordon)	John Singer Sawyer
Rip Kirby (Nick Holmes)	Remington Kirby
Honey Dorian	Judith Lynne Dorian
Captain Easy (Capitão César)	William Lee
Wash Tubbs (Tubinho)	George Washington Tubbs II
Jeff Hawke	Robert Jeffrey Hawke
Slats (Zé Mulambo)	Aubrey Eustace Scapple
Bathless Groggins (Praxedes)	J. Pierpoint Groggins
Big Ben Bolt	Benjamin Bolt

E qual seria o nome de Prince Valiant? Príncipe é título e não nome, mas alguma vez foi mencionado algum outro nome para ele?

O Príncipe Valente, acho que se chama mesmo Valente. Este é o nome dele, o Foster queria que fosse Príncipe Arns, o “sindicaite” achou que não tinha apelo e impôs o nome Valiant. Ai Foster, pirracento como ele só, fez o Valente ter um filho, deu a ele o nome de Arns e fez dele o protagonista. Demorou algumas décadas, mas o turrão venceu. Quanto ao sobrenome, não sei bem se existia isso naquela época, talvez o sobrenome fosse o local de origem, nesse caso, Valente de Thule.

Recebi hoje o “Gibi de Faroeeste” nº 4 do José Salles. Na sua carta você manifesta dúvidas quanto aos desenhistas de Roy Rogers e O Homem do Rifle (ambos publicados no nº 3). Nenhum deles teve qualquer participação de Russ Manning. O desenhista daquela história de Roy Rogers foi John Buscema. E o desenhista de O Homem do Rifle foi Warren Tufts. Depois de Lance, Tufts fez vários comics para a Dell.

Obrigado pela informação sobre os desenhistas de Roy Rogers e O Homem do Rifle. O livrão das tiras de Flash Gordon de Dan Barry (Titan Books) é muito bom, dá gosto ler com um tamanho e impressão de qualidade. E na aventura final já aparecem aqueles moleques que eu só fui conhecer na década de 1970 (no “Gibi Semanal”), não pensei que tivessem surgido tão cedo.

Também gostei do álbum de Flash Gordon da Titan. O volume 2 está anunciado para o final do ano. No Brasil, aquela aventura foi publicada em um almanaque de Flash Gordon. No começo, a revista “Flash Gordon” da RGE trazia apenas o material de Mac Raboy e as tiras de Dan Barry eram publicadas nos almanaques. Depois ficou tudo misturado na revista: Raboy, Barry e histórias de comic books.

JÚLIO SHIMAMOTO

Estrada Mapá, 358 – Taquara – Rio de Janeiro – RJ – 22713-321

Quero agradecer-lhe pelo “QI” 139 estampando capa instigante, bela e tão boa quanto a anterior! E na 4ª capa, li e gostei muito do ‘Poeta Vital’. No miolo, destaques para ‘Batman no Brasil’ – histórico riquíssimo em pormenores; ótimo também o ‘Depoimento de Rui’; Daniel Azulay ganhou merecida matéria de Marcelo Correia Lima; em ‘Mantendo Contato’, Worney pinça fatos curiosos sobre HQs; e no encarte especial, ‘Os Cow-boys de Antigamente’, esbanja irretocável conhecimento de Carlos Gonçalves sobre saudosas HQs e filmes de bang-bang.

Recebi o arquivo com o “QI” e coloquei na Marca de Fantasia até amanhã. Como é linda a edição digital em cores! É uma tentação, não? Pena sermos ainda tão ligados ao papel.

Bom que gostou do “QI” 139 com as cores todas das capinhas e demais ilustrações. Confesso que, mesmo entusiasta das publicações impressas em preto e branco, admiro o colorido na tela, ainda mais com essas novas telas em tamanho maior. Fica mesmo muito bonito. A questão é que o “QI” está sendo feito com imagens que não deviam ser usadas em publicação xerocada. Para publicações independentes impressas em preto e branco, o negócio é usar somente HQs e ilustrações em preto e branco. Estava olhando agora o livro que fiz sobre Lucchetti e Rosso e realmente a reprodução das HQs é superior a qualquer revista em que tenham saído originalmente. É outra coisa uma boa impressão num papel branco.

Recebi o PDF com o suplemento e o acrescentarei na página de abertura do “QI” na Marca de Fantasia. A respeito dessa última edição do “QI”, fiz divulgação no Facebook e recebi, além de muitas curtidas, um comentário ao mesmo tempo positivo e negativo. A autora portuguesa Tereza Câmara Pestana achou muito linda a capa, mas a considerou racista. Argumentei que de modo algum foi essa sua intenção, que a capa crítica a forma como o negro era representado nos quadrinhos no século 20, de forma caricatural e alienada. Espero que ela tenha entendido, sei que não passou de uma apreciação apressada. Sobre a impressão em preto e branco, concordo que para os quadrinhos a impressão a laser traz excelente qualidade, mais até que a de muitas gráficas em offset. Já para as revistas de estudo e os fanzines textuais e ilustrados, a reprodução das imagens em cores proporcionadas pelo meio digital é até necessária, para dar mais precisão às informações. Foi por esse motivo que optei dar à revista “Imaginário!” o suporte digital, bem como pela economia e alcance.

A maioria das ilustrações que faço, eu sei o que significa, o que bate com minha racionalidade de engenheiro. Mas, às vezes, vem uma ideia que eu acho interessante mas não sei bem o que significa. Nessa capa do “QI”, a ideia veio com um menino em primeiro plano feito também em traço realista. Se essa ideia é racista ou não, não sei lhe dizer pois, como disse, a ideia não foi elaborada no nível consciente, ela veio pronta do inconsciente e este é melhor nem tentar entender. No entanto, na hora de desenhar, eu já ia começar a esboçar um menino com traço realista, quando me ocorreu usar a Lamparina, personagem imortal (e esquecida) de J. Carlos. Imagino que você tenha identificado que é a Lamparina, e imagino também que a Tereza não a conheça. A capa, portanto, traz uma referência a uma das principais personagens do Quadrinho Brasileiro, que infelizmente nunca recebeu uma edição resgatando-a. E olha que o J. Carlos talvez seja o autor mais resgatado, há uma dezena de livros publicando seus trabalhos, quase nenhum dedicado aos seus quadrinhos.

Sim, Edgard, eu reconheci o traço de J. Carlos, só não lembrava o nome da personagem. Mas poderia ter sido também de algum autor americano ou europeu do início do século 20, pois esse traço era usado dentro da estética Art Noveau.

Sempre achei um descaso o que os editores fazem com os Quadrinhos Brasileiros da primeira metade do século passado, não conheço nada que tenha sido lançado como resgate da obra de J. Carlos, Luís Sá, Max Yantok e tantos outros. Esse tipo de documento histórico é comum na Europa e nos Estados Unidos. Fico pensando, por que nós, do fandom, não o fazemos? Sei que é difícil conseguir boas cópias desses Quadrinhos e que até haja algum problema de direito autorial, mas eu estaria disposto a produzir edições limitadas (como nos fanzines) com essas obras. Você tem acesso a um grande acervo histórico e a inúmeros colecionadores, certamente seria a pessoa ideal para fazer isso. O que acha? Podemos pensar numa parceria?

Vamos pensar, voltaremos a este assunto.

O “QI”, como se não bastasse valer por si só, acostumou-nos a ser acompanhado de outras coisas muito interessantes. Desta feita, foi a vez de “Os Cow-boys de Antigamente”, uma preciosidade que me levou a um mergulho nos bons velhos tempos. Falando em cowboys, tinha um fato corriqueiro muito chato naquela época de antanho (bota antanho nisso). Era quando, no filme, o Roy Rogers começava a cantar. Um porre... Saibam os mais jovens que, tirando os cowboys cantores e as aulas de matemática, aqueles tempos eram bons mesmo, pois não existiam motoqueiros sanguinários dominando as ruas, prefeitos imbecis criando as mais loucas faixas exclusivas para o trânsito de bicicletas, torcidas “organizadas” de clubes de futebol, telefones celulares sendo utilizados em locais e momentos mais improváveis, e outras “delícias” modernas. Falando em telefones celulares, encaminho uma imagem que bem demonstra minha acusação sobre eles.

Menino é outra espécie mesmo. Que será que os produtores tinham na cabeça de achar que a meninada ia querer que o cowboy começasse a cantar? Mas tinha coisa pior. É quando o galã estava conversando com a garota e aí os dois começavam a cantar e dançar e, sabe-se lá por que razão, todas as pessoas em volta começavam a dançar também. Pode uma coisa dessas? É para pegar ódio de “sessão da tarde”.



Estou retomando a editora agora que a crise amenizou... fiz parceria com Social Comics e estaremos com todo nosso catálogo na plataforma... quero lançar finalmente “Quadrinhos” 13 em parceria com o “QI” e nova revista chamada “Superflicção” com HQs inéditas de grandes autores no tema... tudo baratinho e enxuto. Vou assumir também as novas edições das Guerras Calazanistas... você quer retocar seu texto em algo? Ou deixamos como está? Quero rodar as duas em breve. Mando as novidades...

Já enviei todos os textos que saíram em edições anteriores de “Guerra das Ideias” e “Guerra dos Golfinhos”, com as atualizações.

Na capa, sua ilustração tem vários níveis de mensagens, todos eles ‘conversando’ entre si (se é que deu para entender o que eu quis dizer, pois envolve o uso das cores, os estilos dos desenhos, o conhecimento de situações sócio-políticas, etc.) de forma muito bem encadeada. Vamos ver o que acham os outros leitores...

Parece que a (re-)publicação do(s) “QI”s no site Marca de Fantasia foi recebida com um... silêncio ensurdecedor (pelo menos, a julgar pela repercussão no ‘Fórum’, que é nenhuma!) Pensando bem, isso não deveria ser tão surpreendente, já que provavelmente há um efeito tipo ‘círculo vicioso’ agindo aqui: como o “QI”, hoje, é ‘só por assinatura da edição impressa’, e poucos desses assinantes estão interessados em (ou, mesmo, preparados para) baixar cópias digitais dos zines que eles já receberam pelo Correio, e até dos futuros que eles já pagaram, e irão receber de qualquer jeito... então, o maior público potencial para tais edições digitais seriam exatamente aqueles que hoje não ‘estão’ assinantes do “QI” – e como eles iriam ficar sabendo da existência dessa edição?

Seu ‘Batman no Brasil’ tem um enfoque bibliográfico e uma abrangência temporal bem ampla, começando em 1940, mas que termina em 2002, pois “devido ao volume, esses títulos da Abril e Panini (após 2002) não serão listados” – e, como faz parte do livro “Batman a Trajetória”, presumo que nesse livro devem haver outros artigos que examinem o tema ‘Batman no Brasil no correr do tempo’ sob outros enfoques, como impactos na sociedade e na cultura em geral, e nos leitores de quadrinhos em particular.

No ‘Fórum’, tive interesse especial pelo relato do José Menezes sobre as versões ‘locais’ dos personagens de quadrinhos da Rio Gráfica (Fantasma, Cavaleiro Negro, Mandrake, etc.), pois é um assunto sobre o qual tenho conseguido achar muito pouco e me interessa: sei que houve histórias até juntando personagens originalmente de editoras diferentes (Capitão Marvel e Tocha Humana é a que mais conheço), e os personagens da Disney também tiveram muitas histórias produzidas aqui (e, parece, quase não são conhecidas ou apreciadas fora do Brasil, o que já não acontece com as produzidas na Itália ou na Escandinávia).

A ideia inicial é que o “QI” em PDF seja para outro público, aquele que acompanha as edições da Marca de Fantasia. Mas também serve para o leitor do “QI” que deseje apreciar as ilustrações coloridas, ainda mais que as telas de computador hoje em dia estão com muito boa definição. Confesso que eu que não sou de ficar valorizando tecnologia, fico admirado com as páginas do “QI” coloridas na tela.

Colocando assim, parece uma boa ideia – mas ainda muito restrita, pois só alcançaria “aqueles que acompanham as edições da Marca de Fantasia”, quando o “QI” tem potencialmente interesse bem amplo. Talvez ele pudesse ser um ‘ativo’ a mais para o site Marca de Fantasia, desde que mais amplamente divulgado?

Quanto às “páginas do “QI” coloridas na tela”, compartilho sua admiração – e fiquei intrigado: de onde saíram essas cores? Já que, aparentemente, a edição em PDF é baseada nos arquivos usados para a publicação em papel do “QI”, e imagino que esses não tenham cores... No caso das capas coloridas à mão, a dúvida seria só se alguém escaneou um dos exemplares após o acréscimo das cores, ou se você tem um ‘gabarito’ para isso; mas, e nas demais imagens, como isso foi feito? Será que a ‘épopeia’ da produção das edições em PDF do “QI” não daria um bom artigo para o próximo número?

Uma curiosidade, você mencionou os vários níveis de mensagens na capa, por acaso você detectou algum nível que fosse de “racismo”? E aí vai uma desvantagem de deixar o “QI” disponível para qualquer pessoa baixar, perde-se aquele respeito e consideração que se tem com as pessoas com quem se mantém algum contato, mesmo que seja à distância e por e-mail ou carta.

O parágrafo acima me deixou na dúvida sobre o quê, exatamente, estaria o preocupando, e porquê: como o “QI” deve ter vários assinantes que não mantêm “algum contato, mesmo à distância por e-mail ou carta” a não ser para comunicar o depósito do pagamento, se isso realmente gerasse “respeito e consideração”, o ‘flanco já estaria aberto’... Além disso, mesmo nas redes sociais da

internet, volta e meio deparamos com pessoas que comentam sobre tudo e sobre todos sem qualquer “respeito e consideração” – e isso é uma marca dos tempos atuais, então não creio que vale a pena se preocupar com isso.

No caso particular desta capa, eu disse: “Na capa, sua ilustração tem vários níveis de mensagens, todos eles ‘conversando’ entre si...” Usei essa expressão vaga e abrangente exatamente porque os “vários níveis de mensagens” são sutis e entrelaçados, e as interpretações podem ser bastante subjetivas, mas é exatamente essa riqueza que me chamou a atenção. Por exemplo? O estilo cartunístico do negrinho do primeiro plano contrasta com o realismo dos negros cativos do fundo, e o uso da cor prata tanto para seus grilhões quanto para o brinquedo do guri me chamaram a atenção – mas, o que isso queria dizer? Que uma figura representa a ilusão e a outra a realidade? Que ambas são modos diferentes de ver a realidade, ou aspectos diversos da realidade? E assim por diante – por isso é que espero “ver o que acham os outros leitores” (se é que isso vai chamar a atenção de mais alguém, pois pouco tem a ver com Quadrinhos Independentes).

Gostei muito dos comentários que fez, em especial sobre a capa. E lhe devo uma desculpa, acabei fazendo um comentário sobre “racismo” sem explicar direito o assunto. Na divulgação que Henrique Magalhães fez do “QI”, a desenhista portuguesa Tereza Pestana, que faz fanzines bem interessantes, viu a capa e disse que achou racista. Por isso, é que comentei o assunto com você, queria saber se você também tinha tido essa impressão. Imagino que Tereza tenha achado racista a figura estilizada do primeiro plano, que usa os estereótipos visuais do negro, mas não tenho certeza se foi este o motivo. Como comentei na resposta ao Henrique, a figura é uma referência à Lamparina de J. Carlos.

Entendo sua reação, mas sinto que, hoje em dia, a internet influenciou até o modo como as pessoas comentam sobre tudo, em geral, em qualquer lugar... então não adianta se preocupar muito com tais aspectos, em termos ‘pessoais’. Realmente, hoje o ‘politicamente correto’ influi em tudo, e muitos não entendem, e nem mesmo aceitam, até sátira: Vide “Charlie Hebdo”! A Dilma agora diz que estão querendo tirá-la do “misoginismo”... Meu comentário sobre a ilustração da capa, claro, focou muito nos aspectos ‘raciais’ – e desse ponto de vista, poder-se-ia – ‘pera lá: hoje não se usa mais isso, então fica: “poderíamos” – dizer que todo comentário sobre discriminação e injustiça social baseado em “raça” seria “racista”, mas entendo que o termo só deveria ser aplicado a colocações que partem de uma postura a favor de tal “discriminação e injustiça”, e não sobre comentários, análises ou críticas da mesma, como creio que é o caso, aqui. Enfim, ia dizer que “cada um tem direito a sua opinião”, mas hoje isso não é mais tão aceito... Já li vários artigos sobre J. Carlos, e acho que até já vi desenhos de Lamparina, inclusive um parecido com essa capa, e até mesmo já vi uma figura (acho que era uma foto) com as figuras de fundo – por isso é que não estranhei ambas, e senti o efeito da justaposição das duas.

Sobre o “QI” ser colorido no arquivo PDF, há muito tempo que eu faço o “QI” no computador, uso o Word, que é mais simples, crio um arquivo DOC, converto em PDF e levo na gráfica em CD ou Pen-drive. Ao fazer a edição, todas as imagens que são originalmente coloridas, eu escaneio coloridas, pois não faz diferença em relação ao tamanho do arquivo ou como sairá a imagem depois de impressa. Então, o arquivo do “QI” já é todo colorido, apenas a impressão que é feita na máquina copiadora em preto e branco. Apenas para comparação, a cópia em preto e branco custa R\$ 0,11 e a colorida, R\$ 3,00. No caso da capa, o original é em preto e branco, a impressão também, e depois faço o colorido à mão, exemplar por exemplar. Mas para mandar para o Henrique, eu escaneio uma imagem de uma capa colorida, substituo no meu arquivo DOC e gero novo PDF. Por isso, no PDF ela está colorida.

Acho que ainda tenho uma lembrança dos tempos em que, xerocando páginas coloridas, o resultado em preto e branco era uma meleca, por isso assumi que seus originais eram em p&b também.

Embora a impressão digital use o processo xerográfico, quanto imprime a partir de arquivo digital, o resultado é bom.

ÉRICO SAN JUAN

R. Olívia Antonicella Zanin, 125 – Piracicaba – SP – 13412-276

Recebi o mais recente “QI”. Muito obrigado pela divulgação da série “25 Anos de Humor”. Falando nisso, o volume 1, de Caricaturas – o que você tinha gostado mais – está entre os 10 finalistas na categoria ‘Publicação de Humor Gráfico’ do Troféu HQ Mix.

ANTONIO ARMANDO AMARO

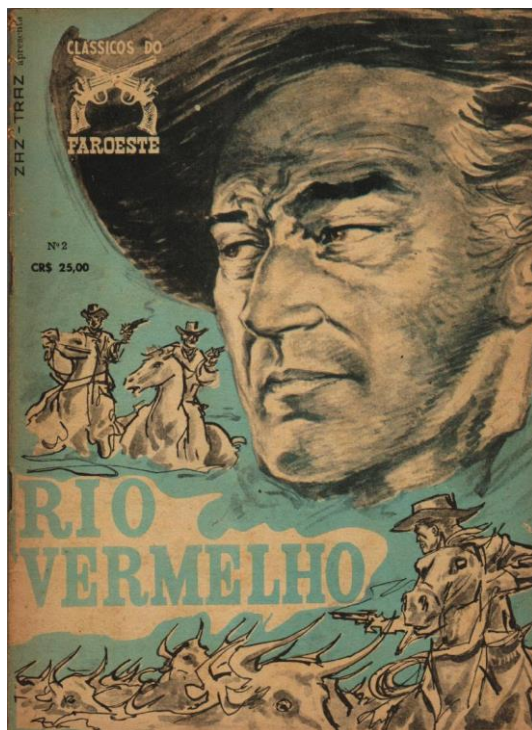
R. Haia, 185 – Penha – São Paulo – SP – 03734-130

Recebido e agradecido o seu “QI” 139. São tantas coisas a comentar que nem sei onde começar. Começo dando os parabéns à seleção Portuguesa de futebol, os meus patrícos, se não foram os melhores, a tudo superaram com muita luta, garra e coração, eles mereceram, valeu Portugal! Edgard, eu sou um cara de sorte, pois tenho 2 seleções para torcer, a Portuguesa e a Brasileira, ninguém supera a Brasileira em títulos! Agora vou comentar esse maravilhoso nº 139 do “QI”. Eu pensei que você não conseguiria fazer capa melhor das que você já fez, mas me enganei, esta do nº 139 superou todas as anteriores até agora, estou admirando esta fantástica capa, você coloca um desenho realista com um desenho cômico – genial, ó pá! – e ficou mais genial as correntes (grilhões) prateadas e o colorido na criança, lindo, lindo! E os teus artigos, como sempre, um primor, como ‘Batman no Brasil’ e o ‘Poeta Vital’. Cada vez te admiro mais, pois em política temos a mesma opinião, adorei quando você cita que o próprio brasileiro (eleitor) é o culpado por o Brasil estar nesta situação – votar em Tiririca, Romário, Clodovil e outras aberrações é uma brincadeira de mau gosto, e o brasileiro está recebendo o que merece por essa palhaçada, é lamentável, mas agora não adianta chorar. Esqueci de dizer que, além desses que citei, coloco também Collor, Maluf, Sarney e tantos outros “honestos” políticos, uma vergonha! Mas vamos comentar mais do teu maravilhoso “QI”. Belo depoimento do José Ruy, Daniel Azulay, a ilustração do mestre Júlio Shimamoto, ‘Mantendo Contato’ do Worney, tudo ótimo. Cito também as piadas do Luiz Cláudio Lopes Faria, e como sempre o ‘Fórum’, com os comentários dos seus leitores. Já ia esquecendo, como você já sabe, o mestre Rodolfo Zalla partiu para o mundo espiritual, no dia 20 de junho o mestre Osvaldo Talo me telefonou me dando esta triste notícia, mais um maravilhoso artista que nos deixa.

Estou te enviando algumas capas da revista “Aventuras Heróicas” feitas pelo maior capista do mundo, que é o genial Jayme Cortez. Talvez você já tenha essas capas, são obras para serem admiradas nos melhores museus do mundo, ao lado dos mestres Michelângelo, Rafael, Ticiano, Leonardo da Vinci e outros gênios da pintura, sem exagero de minha parte. “Aventuras Heróicas” teve 32 números, foi anunciada a publicação do nº 33, que seria “Iracema” de José de Alencar, mas esse número nunca saiu. Dos 32 números, Jayme Cortez desenhou 28 capas (aliás, 28 obras-primas). A última foi a “Volta ao Mundo em 80 Dias” com belos desenhos em aguada de Jorge Scudeleri. A maioria dessas histórias são oriundas da Itália, 6 histórias são de origem portuguesa (clássicos de Eça de Queiroz, desenhos do maravilhoso Eduardo Teixeira Coelho), 3 histórias são clássicos brasileiros: nº 15, “O Garimpeiro” de Bernardo Guimarães com belos desenhos de Silvío S. Fukumoto; nº 16, “Zumbi dos Palmares” com desenhos de Álvaro de Moya; nº 32, “O Guarani” com desenhos maravilhosos em aguada de Nilo Cardoso (na minha opinião, é o melhor trabalho em quadrinhos de “O Guarani”, superior aos trabalhos de André Le Blanc, Edmundo Rodrigues, Eduardo Vetillo e outros). O Nilo Cardoso fez diversos trabalhos para a Ebal. Outra coisa que quero comentar e te dar os parabéns é ‘Os Cow-boys de Antigamente’, um ótimo trabalho teu e do Carlos Gonçalves, só que vocês não citaram 3 maravilhosos trabalhos de 3 mestres brasileiros que saíram em “Clássicos do Faroste” da editora Outubro na década de 1960, que são: nº 1, “Os Brutos Também Amam”, desenhos de Flávio Colin; nº 2, “Rio Vermelho”, desenhos de Juarez Odilon; e nº 3, “Matar ou Morrer”, desenhos de Júlio Shimamoto. Três ótimos trabalhos, na minha opinião. Para finalizar, o Guilherme manda mais uma ilustração, com lembranças e abraços.



Capa de “Aventuras Heróicas” nº 32 da editora La Selva



Capa de “Clássicos do Faroste” nº 2, da editora Outubro. Algumas das páginas internas tinham uma segunda cor em azul.

A minha carreira como editor de fanzines foi de 1985 a 1999 e teve principalmente 3 títulos: “Nemo”, “Zero” e “The Nemo Booklets of Classic Comics”. No total publiquei perto de uma centena de números. Não tenho sobras de todos, mas dos que ainda tenho posso oferecer-lhe um exemplar de cada. Terá de pagar apenas o correio. Não pode é pedir-me fotocópias dos números de que já não tenho exemplares, pois já não tenho grande parte dos originais e já nem tenho pachorra para ir às casas de fotocópias.

Você tem razão, algumas vezes algum leitor me pede para xerocar edições antigas que fiz e de que não tenho mais exemplares, e sou obrigado a recusar, não tenho também condições de fazer cópias em qualquer lugar. Durante mais de 10 anos, mantive uma máquina copiadora em casa, então era razoável eu ainda atender a algum pedido atrasado. Mas a máquina não funciona mais, então esse ciclo acabou.

Desculpe o meu longo silêncio e nunca mais ter tratado do envio dos livros que me pediu. A razão é simples: falta de vontade de penetrar no “buraco” onde estão as sobras dos fanzines que editei em tempos. Mas já lá fui e trouxe um exemplar de cada para si. Todos juntos pesam quase 3 quilos. Depois da ida ao correio, informo-o e faz a transferência dos custos, que lhe direi quais serão.

Recebi no fim de semana os pacotes com os dois livros encomendados e as dezenas de fanzines. Tudo ótimo. Embora uma ou outra notícia possa não ser atual, os comentários não envelhecem. Isso no caso de “Nemo”, que é mais “fanzine” por trazer mais textos. O “Zero” é mais uma revista por trazer mais as HQs ou BDs propriamente ditas. E o especial com as 3 Mouras (de Eduardo Teixeira Coelho) ficou ótimo, incluindo os estudos sobre cada capítulo. Sobre o “Tarzan” de Manning, publicado por você, um comentário necessário. Eu adquiri os 4 volumes da IDW contendo todo o trabalho de Manning para jornais, são 4 volumes bons, com poucos senões, no entanto, a qualidade de impressão das pranchas nas edições que você produz são superiores, você consegue uma nitidez que certamente é superior à própria publicação original dos suplementos dos jornais, feitos com papel de qualidade inferior. Vale a releitura para aproveitar a nitidez dos desenhos.

Fico satisfeito por lhe terem agradado os meus fanzines de velhos e descontraídos tempos. E também registro com especial agrado os elogios ao meu “Tarzan”. A edição da IDW é boa, mas não muito. E os volumes a seguir ao 1º até são inferiores. E depois, há aquela mania que a IDW sempre pratica nas suas edições com pranchas dominicais: cortar um bocadinho de cada vinheta a toda a volta para aplicar uma nova linha de contorno. Detestável! Eu estou actualmente a trabalhar, entre outras coisas, numa edição realmente integral (NENHUMA edição feita até hoje é integral) do ‘Johnny Comet’ do Frazetta, mas tenho ainda problemas com algumas das pranchas dominicais. Diga-me: tem os números de “O Lobinho” (publicado pelo Grande Consórcio dos Suplementos Nacionais lá por 1952-1954) que incluem nas páginas centrais várias pranchas da série?

Eu não possuo nada de revistas anteriores à década de 1960. Se algum leitor do “QI” tiver exemplares de “O Lobinho” desse período, ou souber quem tenha, e quiser colaborar com o Manuel Caldas, seu e-mail é mcaldas59@sapo.pt.

Quanto ao ‘Johnny Comet’, eu tenho TODO o material, todas as vinhetas, mas há 3 pranchas dominicais em que algumas partes eu só tenho com a qualidade mínima necessária. Se ao menos soubesse se alguma delas é das que “O Lobinho” publicou! Já as procurei em velhas edições e jornais franceses, australianos, portugueses, americanos e... brasileiros. Sim, descobri que o jornal “A Noite”, do Rio de Janeiro, publicou a série nos anos 50, as tiras e as pranchas, mas destas deixei de fora precisamente as do período em que deixaram de ser aventuras e passaram a ser breves episódios humorísticos. Essas pranchas humorísticas foram as que “O Lobinho” publicou e é só com elas, com as humorísticas, que tenho problemas. Curiosamente o jornal “A Noite” está on-line, no site da Biblioteca Nacional do Brasil. Bem, pode ser que enquanto não termino o meu trabalho com o que tenho, os problemas se resolvam.

Há quanto tempo, não? Quantas águas devem ter passado abaixo desse rio que passa em vossa cidade até eu retomar o contato com você. Hoje tenho 48 anos, mais um pouco de cabelo branco, cansado e com olhar ainda mais diferente – e distante – dos quadrinhos. Ainda amando esse material. Mas com menos entusiasmo. Saudade de falar com você sobre quadrinhos e ler aquelas belas cartas do “QI”, em que número está?

Satisfação receber notícias suas. Uma grande parte dos quadrinhos que são produzidos hoje, tanto nacionais quanto estrangeiros, não me agrada. Além dos preços, que ficaram enormes. É fato que há bastante lançamento de material brasileiro, mas o que que adianta? Com os preços que estão, quem compra? Eu, de meu lado, continuo fazendo o “QI”. Tenho conseguido fazer alguns encartes, uns bem volumosos, quase livros, que têm me dado bastante trabalho e satisfação. O “QI” está no número 139 e continuo com o propósito de fazê-lo impresso. Mas também estou colocando um versão em PDF no site do Henrique Magalhães, o www.marcadefantasia.com. De uma olhada lá para ver como está.

É verdade, o material atualmente publicado não está bom e é caro. Tanto estrangeiro quanto nacional. Há catálogo do seu material à disposição? Outra, meu amigo, seu material sempre foi de altíssima qualidade. Quem realmente entende de quadrinhos sabe disso. Quem vai além das meras páginas de uma revista, entende bem disso.

Quanto ao material que tenho feito atualmente, está todo atrelado ao “QI”. Ou seja, tenho feito vários encartes para distribuição junto com o “QI”, para os assinantes. Além disso, já publiquei vários livros e revistas através da editora do Henrique Magalhães, mas esses eu não tenho para venda ou troca, só podem ser adquiridos através do site da Marca de Fantasia.

Saui mais um “Matt Marriott”, o 46º, ‘A Recompensa’, um inédito por aqui, que parece apenas ter sido publicado em Inglaterra e foi retirado dos próprios originais, agora propriedade do colecionador luso Alberto Soares, que os comprou na Net. Acabo de lhe enviar o “Matt Marriott” e o primeiro volume de “Rob the Rover – The Lost Pages”. Envio-lhe também um exemplar da edição do “Jornal do Exército” com quadrinhos meus que consegui arranjar.

Uma novidade ainda: consegui mais um episódio de Marriott e assim temos agora 68 dos 70 que a série teve. É sem dúvida a mais completa coleção do mundo, modalidade à parte. Como o episódio 70 nem sequer foi completado pelo Tony Weare, fica nos faltando apenas um dos que ele realizou, nada mau!

O episódio que fica faltando do “Matt Marriott”, diz-me o (Jorge) Magalhães, deve ser impossível de encontrar (pelo menos contando com os meios e o auxílio de que disponho). Mesmo assim, com 68 dos 70 episódios, é coisa que editora alguma pode se ufanar, viva em que ponto do planeta viver. Nem o britânico Devon Club (que nos arranhou uma boa meia dúzia de episódios inéditos aqui, em Espanha, Itália e Argentina) nos pode fazer sombra, pois não passou das duas dúzias, diz o Jorge Magalhães, que é a pessoa que mais entende nesta matéria. E o impulsionador desse Club já morreu, infelizmente. Seja como for, não vejo quem possa apresentar coleção mais completa de Marriott do que nós. Foi uma busca que já dura há uns bons vinte anos... e ainda não parou. Planeava fazer uma edição no original em inglês pois tenho bastantes episódios com as legendas originais, mas arriscava-me a ter de pagar direitos e para isso teria de ter uma carteira de clientes com as dimensões suficientes. Paciência, ficamos só pela intenção.

P.S. Adorei ‘Os Cow-boys de Antigamente’. Que saudades, Deus me! Sencionalmente!

Em outra parte deste “QI”, uma tira de ‘Matt Marriott’ obtida diretamente de original conseguido por José Pires.

EDUARDO MARCONDES GUIMARÃES

R.Cel. José Antônio Salgado, 77 - Pindamonhangaba - SP - 12401-440

Foi uma satisfação recebê-lo e à sua esposa em casa. E bom que gostou de Brasópolis. As ladeiras não são amistosas, eu mesmo já não tenho muito fôlego para ir a todo lugar.

Muito bacana a página que me enviou. Ela, só, já é muito interessante. Pensei em colocá-la no "QI" 139, que estou acabando de fazer, mas para o tamanho da página meio ofício, os textos dos balões ficam muito pequenos e não dá para ler. Mesmo na página A4 ainda achei um pouco pequeno. E olha que eu uso fonte tamanho 7 nos textos do "QI". Não sei se você pensa em fazer a impressão em folha maior do que o A4, o que fica legal, mas começa a encarecer e, o pior, como mandar pelo correio.

Fiquei sem fôlego quando você me disse que pensou em publicar os meus desenhos no "QI", mandei sem pretensão alguma, era só para mostrar um pouco do meu trabalho como quadrinhista, tenho muita coisa, mas aos pedaços aqui em casa, minha vida sempre foi muito atribulada. Realmente, eu não sabia o tamanho das fontes neste quadrinho que comecei a desenhar ainda em Atlanta, pensei em um álbum como o do Tintin em preto e branco, minha ideia era disponibilizar pela Amazon, que não sai tão caro, em formato impresso mesmo, mas como te falei, não consegui passar deste ponto aí, como todo escritor de primeira viagem, cometi o erro de escrever um livro enorme logo de cara, resultado, um fracasso de vendas!... Mas me senti bem, mesmo vendendo tão pouco, aquelas coisas de artista... Tenho outra história aqui que (esta, sim, eu não abandonei) pretendo dar continuação, são lembranças de minhas incursões pelo subterrâneo do mundo da música, começando lá pelos meados dos anos oitenta, estas duas folhas que te enviei, eu pretendo montar do tamanho do "QI", e quem sabe conseguir meu público fiel de 20 assinantes! (?) Bom, nem preciso dizer que seria um prazer sem tamanho ver alguma coisa minha publicada no "QI". Com tanta gente idolatrando John Buscema, Jack Kirby, David Finch, etc, me parece que falta a atenção e prestígio que trabalhos de quadrinhistas brasileiros merecem. Sou assim como você, reconheço o valor dos estrangeiros, mas tenho meus heróis nacionais em pé de igualdade.

Recebi o "QI" 139 e vi os retoques finais, detalhes simples que dão vida ao fanzine, uma cor aqui, outra ali, e cada número acaba por se tornar um exemplar único, este é o espírito que tanto prezo pelos zines e que tristemente ouvi que não está mais sendo valorizado como devia. Enviei uma página de 'Os Maravilhosos Fracassados', que trata de memórias pelo mundo da música durante toda a década de 90, o começo da internet e o fim de um mundo mais humano que conheci.

Já verifiquei a revista "Gabola" (em oferta na 'Liquidação' do "QI" 139), está em estado bom, mas infelizmente é só esse mesmo que eu tenho. Era um material muito bom esse que a Abril resolveu arriscar nessa época. Além do "Gabola", teve o "Satanésio", o "Sacarrolha" e a também o "Pererê". Infelizmente nada foi para frente.

Nem me fale nessas coleções boas da Abril... meu pai era colecionador da Ebal e passou para meu irmão e para mim o gosto por Quadrinhos, ele curtia o Tarzan e o Fantasma e alguma coisa de cowboy da Ebal (por sinal, no "QI" 139 eu reconheci algumas daquelas capas). Papai dava incentivo a essa leitura e via nela um caminho para futuras leituras mais requintadas e de fato hoje eu tenho uma boa biblioteca em casa, onde não me faltam os clássico, principalmente os russos, que gosto muito! Mas o fato que ele trabalhava junto ao Banco do Brasil e estávamos sempre mudando de um estado para outro ou de uma cidade para outra, minha coleção se perdeu com as mudanças... perdi a coleção da "Vaca Voadora", do "Gabola", "Satanésio" e do "Pererê" (esta última dá vontade de chorar), eu tinha uma também (que devia ser institucional) do Sujismundo.

Obrigado por enviar as revistas da "Vaca Voadora" e do "Gabola", que traço incrível tinha o Ruy Perotti e, apesar de ser apenas um número, dá para ver que o macaquinho não era um personagem bidimensional, não, realmente é uma coleção para ter na estante!... e preservar bem

JOSÉ CARLOS DALTOZO

C.P. 117 - Martinópolis - SP - 19500-000

Recebi semana passada uma caixa de sapato repleta de postais russos, quem doou foi um reverendo da Igreja Ortodoxa Russa no bairro da Liberdade, em São Paulo. É a terceira doação que ele consegue com os fiéis, deve ser de algum falecido. Conversei com ele há alguns anos, quando estive pesquisando sobre antiga colônia de russos que havia em um distrito rural de Martinópolis. Ficou entusiasmado pela minha coleção de postais e faz essas doações muito interessantes.

Também coleciono, além de postais, revistas número 1 e edições comemorativas, além de livros históricos de cidades. Revistas número 1, tenho umas 400, desde a "Realidade", em 1966, a "Veja", em 1969, etc. Mas só coleciono a número 1 e as edições comemorativas do tipo Fundação de Brasília, 1960, Descida na Lua, 1969, Morte do Senna, Tricampeonato de Futebol, 1970, "Veja 30 Anos", "Quatro Rodas 20 Anos", "Manchete 50 Anos" e assim por diante. Livros históricos de cidades, deve ter mais de 500, principalmente de cidades do interior paulista. Todos com muitas fotos antigas, do tipo que eu também uso nos 10 livros que já publiquei sobre Martinópolis e a região onde moro.

Estamos formando um clube de colecionismo na vizinha cidade de Presidente Prudente, é a capital regional, tem mais de 200 mil habitantes e deve ter uns 100 colecionadores. Por enquanto, reunimos 30 colecionadores, vamos procurar os demais para se associarem também. Será um Clube de Multicoleccionismo (selos, moedas, postais, cartões telefônicos, chaveiros, livros e discos antigos, marcas de cigarro, brinquedos, miniaturas, etc.), abrangendo a região toda.

ROBERTO DOS SANTOS

R. das Pitangueiras, 277 - Americana - SP - 13474-353

Acabei de receber o envio dos seus fanzines. Estou nesta data completando o meu pedido para os anos 2010 a 2013. Você teria os fanzines do José Salles, "Gibi de Faroeste" números 1 e 2? Procuo gibis da editora Orbis, "Pepe Vermelha", "Rei da Polícia Montada", "Disco Voador", "Hopalong Cassidy" e outras edições de títulos variados. Agora uma sugestão minha: criar nas páginas do seu fanzine uma pesquisa - por onde andam os nossos desenhistas brasileiros, Edmundo Rodrigues, Sérgio Lima, Osvaldo Talo, Flavio Colin, Nico Rosso, Rodolfo Zalla, Minami Keize e outros.

Sempre que possível, o "QI" trará notícias dos autores brasileiros, neste número a carta de Antonio Armando diz que recebeu a notícia do falecimento de Rodolfo Zalla através do Osvaldo Talo. Dos outros nomes mencionados por você, somente o Minami Keize é que não estou certo se é falecido.

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA

R. Prof. Bernardino Querido, 1638 - Taubaté - SP - 12070-400

Do "QI" 139, gostei do texto 'Batman no Brasil', da seção 'Fórum'. Comprei com o amigo Francinildo a revista brazuca 'Protocolo A Ordem', gostei muito da qualidade, parabéns para a equipe técnica, autores, colaboradores, que venham outros, precisamos apoiar os Quadrinhos Brasileiros, nossos artistas merecem.

ROSANGELA CARVALHO

C.P. 5366 - Taguatinga Centro - Brasília - DF - 72010-971

Obrigada pelo envio de mais um "QI", cada vez mais interessante! A capa ficou ótima, que bom gosto! Agradeço por me levar a recordar meu "mocinho"... amava assistir Bat Masterson! Achava-o tão lindo. Assistia na TV! Bonanza também assistia! Acho que era Jerry, o filho mais novo, que gostava, não recordo. Sei que meu pai comprou uma das primeiras TVs e a turma do bairro ia lá pra casa ver TV. Época que porta aberta sem chave e de "janelinha" era convite para os amigos e vizinhos entrarem sem bater. E até para almoçar. Época que infelizmente passou... Falava-se bem menos de Jesus, e as pessoas viviam muito mais com Ele!

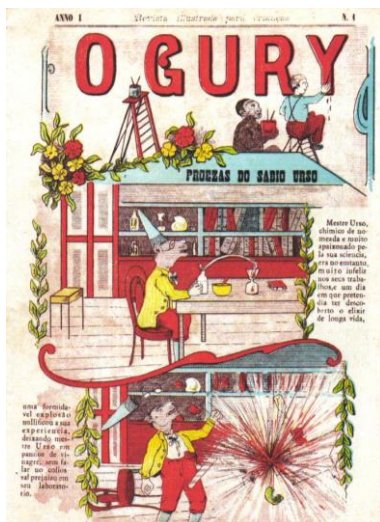
Vou-lhe dar outra dor de cabeça. O artigo que lhe mando está na continuidade daquele que fiz dos “cow-boys”... mas tenho algumas dúvidas sobre o Buffalo Bill, a publicação no “Novo Gibi”, quando acaba, se há mais Almanques... fiz as informações pela minha coleção, mas, como calcula, não sei tudo, nem consigo ter todos os exemplares... pode acrescentar o que souber, se não lhe der muito trabalho. Agora vou parar um pouco, pois tenho uma exposição em janeiro na Biblioteca Nacional, mas dessa vez será sobre cromos e vou ter que fazer ou um folheto ou um livro, ainda não sei, sobre os cromos (figurinhas) e as Histórias em Quadrinhos.

Ontem fui à minha outra casa e lembrou-me que me tinha falado nos cow-boys editados em formato pequeno, coisa que me esqueci totalmente, pois quando escrevi o artigo estava a pensar unicamente nas edições em formato A4... A minha casa lá é um pandemônio... como é que arquiva e manuseia as suas coleções? Já não sei o que fazer... fui à garagem e tirei as revistas que lá tinha metidas em caixas (mais umas centenas de revistas caras que estavam a estragar-se: “Vécu”, “Pilote”, “Cimoc”, “Zona 84”, “1984”, “El Víbora”, “La Semaine de Suzette”, “Spirou”, álbuns franceses e espanhóis, revistas norte-americanas, muitas delas cotadas a 50 dólares e mais...). Estou desgraçado. Depois vou pedir-lhe mais um favor, não sei se lhe disse, eu coleciono Cadernetas de cromos (já parei nas 800) e tenho algumas brasileiras raras, por serem suplementos às revistas “Mickey” e outras... meia-dúzia delas estão incompletas... Serão difíceis de completar?

Em relação ao artigo do Buffalo Bill, é só preciso ver no “Novo Gibi”, em que números ele foi publicado, pois só tenho o “Gibi”... o “Novo” é muito raro. Depois, em relação à Ebal, foram publicadas aventuras no “Ai, Mocinho!” nº 100, “Álbum Gigante” nº 43 e deve haver mais espalhadas... mas não interessam muito, já que só foco mais a própria revista com o nome dele... essa não sei quando terminou...

Envie o que pode obter de informações sobre Buffalo Bill, consultando algumas fontes, como o Guia dos Quadrinhos.

Quanto ao Buffalo Bill, não sabia que também tinha sido publicado no “Novo Globo Juvenil”, pois destas revistas não tenho nada. Vou dar-lhe uma ideia do que tenho: “Gury” 1 a 8 (ainda a primeira edição de 1910, não sei se conhece) e o “Gury” desde o nº 1, com falhas, claro, terei talvez cerca de 100, mais “Gibis”, “Lobinhos”, “Globo Juvenil”, cerca de mais 200, um dia hei de fazer um apanhado. Do “Gibi” semanal tenho mais de 300/400, “Gazeta Juvenil”, tenho desde o 206 até o 630. Depois tenho o “Garra Cinzenta” e os 70 números da série a seguir. Tenho “Biriba Semanal” quase todo.



Ontem tive de ir de novo à minha outra casa e encontrei dois títulos de terror que não sei se conhece. Penso que saiba qual a razão porque tal acontece. O Brasil é um continente, saem milhares de revistas de Banda Desenhada (saíam...), e quando faziam uma edição nova brasileira verificavam-se duas situações... ou a edição era enviada no início para Portugal e acabava mal distribuída no Brasil ou quando se verificava a recolha (sobras do material não vendido), as editoras mandavam-nas para Portugal, numa tentativa de angariar mais dinheiro. O problema da distribuição de revistas em Portugal foi sempre um caos. Tal só não se verificou quando a Agência Portuguesa de Revistas era a distribuidora e editora. Penso que no Brasil se verificava também essa situação... haverá por certo cidades afastadas do Rio e de São Paulo que deverão receber mal ou quase nada do que é publicado no vosso país. Deveria acontecer o mesmo antigamente.

Ao ver a capa que criou para o nº 139 do “QI” que em boa hora recebi (penso que seja sua, embora não esteja assinada), e com a característica especial de mostrar a atualidade e a oportunidade de lembrar que a vida dos seres humanos é cíclica e, como tal, volta sempre ao ponto de partida. Nascemos, bebemos leite, usamos fraldas e crescemos. Depois envelhecemos, voltamos a beber leite e a usar fraldas de novo, conforme a velhice os atinge. Ao ver a criança que impávida e serena brinca com o seu arco e gancheta, lembrou-me que em novo também tive uma, pois naquele tempo não havia dinheiro para brinquedos e muitas vezes nem para sapatos. A nossa imaginação funcionava e tínhamos que aproveitar o que se conseguia de graça... as latas das sardinhas também funcionavam, colocando-lhes dois carrinhos de linha (para as rodas) e um volante em arame, que permitia passar com um novo brinquedo pelas ruas (não havia o perigo de sermos atropelados). A sua imagem está bem conseguida e lembra que o flagelo da escravidão do ser humano continua, embora em outros moldes. Na continuidade do raciocínio e na lembrança da minha juventude, não me esqueci que também nessa época havia alguns recursos para criar brinquedos e para isso funcionavam as Construções de Armar que pertenciam e eram oferecidas nas revistas de Histórias em Quadrinhos... cola, uma tesoura e uma folha de cartolina eram suficientes para estarmos entretidos e ficarmos satisfeitos com a obra final conseguida. O último número do “QI” mais uma vez surge com informações úteis, principalmente pelo excelente artigo do editor sobre Batman, personagem que depois do Super-Homem será talvez a de maior sucesso no campo dos super-heróis. Depois será a vez de José Ruy ao descrever os seus primeiros passos no campo da Banda Desenhada, quando ainda era um jovem autor de Histórias em Quadrinhos. José Ruy é um dos desenhadores portugueses veteranos ainda vivos e que mostra uma atividade criativa invejável, pois apesar de sua idade, continua a criar e a publicar álbuns e recusa-se a parar... e ainda bem. Outro ponto de interesse desta publicação é o artigo sobre Daniel Azulat e a sua série ‘A Turma do Lambe-Lambe’, da autoria de Marcelo Correia Lima. Não nos podemos esquecer do ‘Fórum’, que continua a ter um papel destacado na publicação e que cada vez tem mais páginas com as opiniões dos leitores. Finalizamos com as ‘Edições Independentes’, a ‘Liquidação de Revisas’, os desenhos de Edgard Guimarães e mais um encarte que o editor resolveu oferecer aos leitores da revista, da autoria de Carlos Gonçalves e Edgard Guimarães.



Vai a caminho o livro “Nicolau Coelho, um Capitão dos Descobrimentos” e juntei, pensando que gostaria de ter, a versão em inglês da América, do livro “Aristides de Sousa Mendes”, que está a ser distribuído nos Estados Unidos. Perguntar-se-á por que razão comecei a história do Nicolau Coelho, um assunto tão sério, com figuras caricatas e desajeitadas. Tem uma razão, e essas figuras existem, não deformadas fisicamente, mas nas suas mentes distorcidas. Como a ação perniciososa delas foi pública, a minha “resposta” foi também dessa maneira, o que não lhes agradou. Mas cada um usa as armas de que dispõe e sabe utilizar. Com mais tempo, porque é preciso conhecer todos os pormenores, envio-lhe esta “história” mirabolante, com a devida documentação para se distrair.

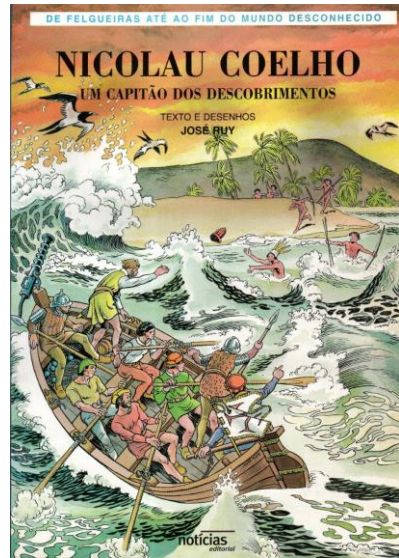
Primeiro vou comentar o “Nicolau Coelho”. Note que eu entendo perfeitamente que há uma limitação de páginas para fazer o álbum, como você bem explicou anteriormente, e que em Portugal se estabilizou nas 30 páginas. No meu entender, é um bom número de páginas. Eu mesmo sempre fui muito sintético, a maioria de minhas histórias não passava de meia dúzia de páginas. E acho que é possível fazer um bom trabalho com essa limitação. O Will Eisner fez centenas de histórias memoráveis de ‘Spirit’ com 7 páginas cada. As centenas de histórias de terror da editora EC na década de 1950 tinham 6 a 8 páginas. Mas no caso de “Nicolau Coelho”, a História (com H maiúsculo) é muito vasta. Então a leitura de apenas 30 páginas parece insuficiente. A gente fica querendo saber mais detalhes da vida e feitos dos personagens todos. Claro que há bibliografia a respeito, bastaria o leitor tentar adquiri-las. E hoje a internet promete todo tipo de informação. Mas, repito, fica a vontade de ter uma história como essa desenvolvida em várias dezenas de páginas.

Em relação à história, muito esclarecedora a forma crua que foi contada, com os atritos e as traições dos vários povos com quem os portugueses tentavam fazer comércio, e mesmo da parte dos portugueses, os blefes, os ataques a outras navegações, a forma nem sempre ética de resolver os problemas. Muito bom esse enfoque, em contraste com uma tendência de sempre pintar com cores suaves os feitos dos heróis nacionais.

Quanto aos dois anões, embora eu siga um pouco as notícias da Banda Desenhada Portuguesa, não fiquei sabendo na época os problemas que imagino que você tenha tido com os dois críticos caricaturizados. Imagino também que a licença narrativa que você tomou em colocá-los no meio da história seja porque o Nicolau Coelho também não era uma figura muito confiável, a julgar por algumas passagens do álbum. Ficou interessante e no final você não se furtou em deixar clara sua opinião sobre as duas figuras. Consigo imaginar quem sejam os dois, pois já vi os nomes Lameiras e Ramalho em textos e notícias, mas não são pessoas com quem eu já tenha tido contato.

Aproveitei para rever o livro “Riscos do Natural”, sobre seu trabalho, e conferir a extensa e importante relação de seus trabalhos no final. Do material que foi compilado em álbum ou feito originalmente para publicação em álbum, felizmente tenho tudo até a data de 2000. Estava me faltando apenas esse “Nicolau Coelho”. Apenas como curiosidade, eu tenho aquele “Cavalheiro Andante Especial” em que saiu sua BD de Gutemberg. Também consegui a edição “Infante Don Henrique” que você publicou em 1960. Já o material que saiu seriado em várias publicações e que não foi compilado, esse não dá para conseguir. Também as edições promocionais são bem mais difíceis. Às vezes até aparece alguma coisa, mas só com muita sorte.

Sobre o álbum “Aristides de Sousa Mendes”, comentarei depois de ler. Mas adianto um comentário sobre a impressão. É interessante como essa impressão do álbum em inglês ficou bem escura em relação à do álbum em português da Âncora. Imagino que você tenha fornecido aos editores dos EUA o mesmo material que foi fornecido à editora portuguesa. Então é interessante ver como a gráfica em si afeta bastante a qualidade do produto.



Obrigado pela análise que fez ao meu trabalho, que muito agradeço, pois a crítica construtiva é de grande utilidade a quem deseja fazer melhor, se tiver capacidade para isso. Vindo de si, fico honrado e especialmente atento ao que exprime. Passei o seu e-mail ao papel (sou da geração do papel e acho que ainda é o melhor meio para guardar algo e ter presente com um simples gesto) pois apreciei muito.

Efetivamente a impressão do livro “Aristides” nos Estados Unidos puxou muito pelas cores, e a qualidade do papel também ajudou; o papel offset absorve a tinta e deixa a imagem mais baça. Em Portugal costumo acompanhar a impressão nas gráficas e regular a força das tintas, para evitar o excesso. Mas essa edição, bem como a de língua francesa para o Canadá, ambas impressas em Nova Iorque, saiu assim.

A solução das 30 páginas veio permitir edições mais económicas e consequentemente não aumentar o preço de capa em relação ao que se processava antes. Mas é uma espada-de-dois-gumes e encurrala-nos impedindo de nos explanarmos quando o assunto o justifica. Os apoios da parte de entidades, que adquirim uma parte da tiragem são cada vez mais difíceis, não tanto por causa da “crise”, que serve de desculpa para muitas atitudes, mas por falta de visão e sensibilidade cultural de quem toma as decisões nesse campo.

Os meus trabalhos com esses apoios, nunca são edição de Autarquias ou outras entidades, são publicadas por editores que vendem da sua tiragem os exemplares estabelecidos a essas entidades, para as suas bibliotecas, mas depois a editora distribui por todo o país. Tenho colegas que contactam diretamente para a entidade, e a edição fica cativa apenas naquela região, sem distribuição para fora do Concelho. Ganham mais, mas a sua obra acaba por perder-se. Tenho assistido a casos concretos em que os exemplares depois de terem sido entregues a bibliotecas e escolas, foram guardados em armazéns e em dada altura, para ganhar espaço, os pacotes foram para o contentor do lixo. Pura e simplesmente.

No caso das 30 páginas, como o “Nicolau Coelho” tem um assunto muito vasto, e daria para mais dois álbuns, fiz um resumo do tema, porque o que interessava era destacar o Nicolau Coelho nas suas intervenções na História. O estratagem de ir metendo separadores (que depois escolhi serem por ação dos “anões”) foi precisamente para permitir dar saltos na narrativa histórica, avançando período de anos, para conseguir focar apenas o Nicolau. Embora eu não faça livros dirigidos “só” para crianças e jovens, a intenção dos promotores é realmente dar a conhecer aos escalões etários mais baixos figuras ou acontecimentos de destaque na sua região. E esses escalões não têm paciência para lerem ou mesmo só verem um livro com muitas páginas. É “agradar a gregos e troianos”.

Na cidade de Viseu, no norte de Portugal, existe uma organização, GICAV – Grupo de Intervenção e Criatividade Artística de Viseu, com grande atividade e qualidade. Este ano estão a comemorar a figura do Infante Dom Henrique e pediram-me para autorizar a edição dessa história de 1960. Digitalizei, melhorei a cor e fiz novas legendas, pois a ideia não é reproduzir aquela edição, mas aproveitar a história gráfica.

Quanto aos críticos anões da nossa praça, têm uma história rocambolesca e tortuosa que merece a pena contar. Mas como os fatos reais mais parecem o enredo de uma ficção, vou juntar documentação que prova a veracidade do que conto. Vou então começar a contar-lhe a história dos anões, elevados a personagens de “Nicolau Coelho”.

Em dezembro de 1995 saiu o livro “A Jóia no Vale”, quando eu era funcionário da ASA, pois tinha um contrato em que me mantinham um ordenado fixo e eu fazia dois livros por ano. Quando as vendas cobriam a despesa de produção incluindo os meus honorários, passava a receber direitos de cada obra, a partir daí. Esta obra tinha-me sido sugerida quando fui convidado para ir a Felgueiras, na inauguração da sua Biblioteca, fazer um seminário sobre o processo do meu trabalho e me mostraram o Mosteiro de Pombeiro, com graves problemas de telhado, o que estava a por em risco, por causa de infiltrações, os cadeirões da colegiada da Igreja, em madeira macacaúba, do Brasil. Em parte do Mosteiro estava instalada uma vacaria, desde quando as ordens religiosas tinham sido extintas em Portugal. A Autarquia tinha em curso uma campanha de sensibilização para o problema do imóvel, que datava de antes da nossa nacionalidade, portanto do século X. Achei a ideia e a história aliciente, interessei o editor e o livro saiu com a garantia de Felgueiras adquirir 3000 exemplares da tiragem para as Bibliotecas e Escolas.

A editora ASA enviava sempre exemplares para a imprensa, mas deste título tinha praticamente todos os exemplares em distribuição por todo o país, e o responsável pelas relações públicas, Rogério Paulo, seleccionou os órgãos de comunicação social mais destacáveis. Enviou para o “Jornal de Letras”, de Lisboa, que tinha uma secção de Quadrinhos, mas saltou o “Diário As Beiras”, de Coimbra, um jornal de pouca tiragem, feito praticamente por universitários. O articulista desse jornal pediu à ASA, ao Rogério Paulo, um exemplar. Este respondeu que não tinha nenhum disponível. O outro insistiu durante cinco meses, e entretanto o “Jornal de Letras” não publicou nenhuma crítica ou notícia da saída do livro. Tanto esse crítico insistiu, que o Rogério Paulo em abril de 1996 arranjou um exemplar e enviou-lhe. De imediato, o “Diário As Beiras” publicou a crítica. A ASA tinha uma assinatura da empresa Recorte, que se encarregava de procurar notícias na imprensa sobre as obras dos editores, para o seu arquivo. Rogério Paulo enviava depois aos autores cópias das críticas saídas. Enviou-me esta dizendo que não compreendia como o colunista tinha insistido durante tantos meses em receber o livro para fazer uma crítica de “bota-a-baixo”. Que lhe parecia ter sido premeditado. Mas eu aceitei e respeito todas as críticas, pois só com elas podemos reparar nos nossos erros, corrigi-los e tentar melhorar o trabalho. Mas o crítico “Lameiras” não se aplicou só a criticar esse livro, fez uma crítica no geral a todo o meu trabalho e acabou por atingir a Editora ASA, dizendo que esta estava a ter um grande prejuízo, pois o “Bomvento” não se vendia e os livros apareciam em pilhas nas “feiras da ladra”.

Isto era uma mentira descarada, e a própria editora desmentiu esta atoarda. Nesse preciso momento, em abril de 1996, o Bomvento tinha já dois títulos em segunda edição, “Bomvento no Castelo da Mina” e “Bomvento no Brasil”. Mais tarde reeditou toda a coleção, em dois tomos e em formato livro incluindo aí a primeira história inicialmente publicada pela Editorial Notícias. Se tivesse sido um desastre, a editora não a reeditava. Mesmo a reedição, já está esgotada.

Na semana, a seguinte a 24 de abril, saiu no “Jornal de Letras” a crítica à “A Jóia no Vale” por Ramalho Santos, após cinco meses de espera, quando eu tinha já mais álbuns publicados, coincidindo com a do “Diário As Beiras”. O Geraldino Lino telefonou-me a perguntar se tinha visto a crítica e enviou-me a página pelo correio, com um bilhete. Mas a crítica do Ramalho era um decalque da do Lameira, era praticamente uma crítica a quatro mãos, e separada em duas, e por grande “coincidência” uma esperou pela outra, até que o Lameiras tivesse recebido o exemplar da editora, para justificar a crítica.

O Geraldino Lino conhecia os rapazes, eram colegas da Universidade de Coimbra onde estudavam para doutores, amigos íntimos que apareciam sempre juntos nos Festivais de Angoulême. Eu nunca tinha ouvido falar deles nem tinha lido nada por eles escrito. Nem os conhecia, pois viviam em Coimbra e nunca nos tínhamos cruzado, pelo menos que eu tivesse dado por isso.

Junto aos “artigos”, reproduziam fotocópias de uma página do livro, cortando bocados, para mostrar ao público que o trabalho era mesmo mau, pior do que na realidade faço. O Ramalho escreveu até que “A Jóia no Vale” era nessa altura o meu último trabalho, sem se dar conta que se tinham passado cinco meses e que eu não parava. Nem paro. Tanto o Geraldino Lino como o Rogério Paulo da ASA chegaram à conclusão que era um ataque forjado, e os dois amigos prepararam as coisas para saírem simultaneamente as duas críticas ao mesmo tempo em duas cidades diferentes do país, como se fosse uma opinião generalizada. Mas soubemos depois que a crítica do “Jornal de Letras”, por falta de espaço, foi adiada por uma semana, e assim a diferença de datas. O dono da ASA, o Américo Augusto Areal, disse-me até que os rapazes queriam conseguir visibilidade a todo o custo e pensaram que produzindo aquela polémica chamavam as atenções. Então resolvi dar-lhes uma ajuda, fiz cópia das duas críticas e enviei-as a todos os meus amigos, aos editores com quem trabalhava, pois grande parte deles não se tinha apercebido delas.

O Ramalho acrescentou que colegas meus, e citou vários nomes, eram muito melhores do que eu, condenando o facto de eu fazer temas históricos.

A Autarquia de Felgueiras entretanto satisfeita com “A Jóia no Vale”, que permitiu por esse meio chamar a atenção das entidades competentes, e o telhado estava já em recuperação, havia-me convidado para fazer o “Nicolau Coelho”. Embora estivesse já a trabalhar o argumento, declinei de imediato o convite, pois aquela parelha, sempre que saísse um livro meu, antes de o ler já tinha a crítica feita para deitar abaixo. O mesmo declarei à ASA, que se eu continuasse a trabalhar para a editora, seria esta por certo alvo a partir dessa altura, de perseguição, com repetição das mentiras, o que a iria prejudicar. Aqui houve uma reação espontânea solidária tanto da parte da editora, que disse não reacear as vigarices perpetradas por esses dois, como da parte de Felgueiras, que declarou fazer mesmo questão em ser eu a fazer esse trabalho.

Como continuava a não conhecer o Lameiras/Ramalho, e como cada um defende-se com as “armas” que tem, resolvi denunciar a golpada dos rapazes representando-os na sua estatura moral: anões. Não querendo ofender os anões de todo mundo, que muito respeito.

Os rapazes deram à casca, pois não pensaram que os seus intentos seriam descobertos. Colaborava um deles no fanzine “Nemo”, do Manuel Caldas que o meu amigo conhece, e escreveram no número de 29 de março de 1996, que medindo eles 1,70m e 1,80m só entendiam a razão de eu os ter feito como anões, o facto de não saber desenhá-los. A um amigo comum, o João Paiva Boléo, confidenciaram eles que tinha sido um erro deles o terem feito aquilo. Por mim, se eles se retratassem e apresentassem desculpas, reconhecendo a calúnia que haviam feito à ASA, ficava tudo bem e até relevava. Mas o Ramalho, dez anos passados destes acontecimentos, tendo acesso à Bedeteca de Lisboa (agora desativada), publicou no site da instituição, a sua crítica publicada no “Jornal de Letras” em 1996, totalmente igual, como se o livro tivesse acabado de sair nessa altura. Não têm emenda, não cresceram e continuam a ser os mesmos rapazinhos. Temo-nos cruzado como jurados a convite do Festival de Quadrinhos de Amadora, para seleccionar um melhor álbum desse ano e atribuir um prémio. Eu estava à vontade pois nesse ano não tinha nenhum álbum publicado. Pois numa vez, há meia dúzia de anos, o Lameiras teve uma atitude, que só por respeito ao Nelson Dona, o diretor, resisti a não anular o concurso. Tínhamos chegado à fase de pôr de parte os trabalhos menos válidos, ficando uns escolhidos para o fim. Havia nesse lote um livro do José Garcês, a ser avaliado. O Lameiras disse que não o tinha lido mas que por certo era igual aos outros e votou não. Isto é perturbador e mostra bem o estofio moral do indivíduo. Como é que se atreve a votar sobre uma coisa que não leu nem viu? E aqui está a história da história dos anões.

Muito obrigado pelo envio de sua longa explicação sobre o fato dos “anões” e reprodução dos artigos. Muita coisa a comentar, principalmente sobre sua narrativa de como as coisas aconteceram e, mais importante, como era seu relacionamento com as editoras e os órgãos governamentais com que tratou a produção de BD. Sobre os textos dos dois críticos, há vários assuntos interessantes puxados por eles, mas infelizmente o que predominou foram os vários equívocos, inclusive conceituais, e sobretudo a má fé. Sobre os conceitos emitidos sobre as BDs históricas, e a falácia de que se não tiver uma boa sequência de ação nem pode ser chamada de BD, já escrevi algum artigo apresentado em congressos. O ponto que acho mais importante agora é justamente os mecanismos editoriais de produzir álbuns de BD histórica. Interessante a estratégia da ASA de produzir uma edição com uma tiragem fixa para uma determinada associação ou fundação ou órgão governamental, mas produzir também para distribuição ao leitor comum. Como você mencionou, há edições feitas exclusivamente para fundações, que pagam pela tiragem toda e não têm estrutura para fazê-la chegar ao leitor. E no caso do colecionador, como eu, a quem é praticamente impedido o acesso à obra. Quantas coisas foram feitas no Brasil por Prefeituras e Governos de Estado e foram perdidas nos porões das Secretarias de Cultura. Uma lástima

O outro ponto importante é a rentabilidade das edições de BD histórica. Um amigo, já falecido, e que frequentou a editora Ebal como artista e como amigo da família Aizen, dizia que o Adolfo Aizen produzia algumas revistas com vida de santo ou biografia de personalidades, que davam prejuízo, para acalmar os que atacavam as Histórias em Quadrinhos, e uma vez mais calmos, soltava um grande lote de Tarzans, Zorros e Supermans, que era o que realmente vendia. Acho um pouco de exagero. É certo que os heróis de mentira vendiam mais do que os santos e heróis da pátria. Ou mesmo as adaptações de romances. Mas não creio que fossem deficitários, pelo contrário. Pela quantidade de edições que tiveram as coleções “Edição Maravilhosa”, “Epopéia”, “Série Sagrada”, imagino que vendiam bem.

Pelo pouco que sei, minha impressão é que a ASA começou com forte enfoque nas edições históricas. Vejo que no início (pelo menos no início de sua produção na área de BD, não sei se a editora existia antes atuando em outras áreas) há uma grande quantidade de álbuns produzidos por autores portugueses com a temática histórica. Depois simplesmente parou. Passou a publicar apenas o material mais garantido franco-belga, que talvez tenha mais público. Há a hipótese de que o material histórico não era rentável e por isso foi abandonado. Mas eu penso em outra hipótese. O material histórico foi rentável o suficiente para que a editora capitalizasse e passasse a trabalhar num nível mais alto de investimento. Nesse nível mais alto não compensa mais trabalhar com edições de tiragens mais baixas, como supostamente seriam as BDs históricas. Na minha teoria, a vendagem da BD histórica levou a editora a um patamar em que não compensa mais fazer BD histórica. Conjecturas à parte, você sabe por que a ASA deixou de investir em BD histórica?

Aqui em Portugal tudo é pequenino, estou em dúvida se podemos considerar um pequeno país ou um grande bairro. Por isso eu acompanhei tudo, por dentro, como verifiquei nos artigos que o BDBD Blogue publicou sobre as redações dos jornais infanto-juvenis.

A editora ASA, fundada por Américo Silva Areal, no Porto, norte de Portugal, especializou-se em edições escolares, manuais, cadernos de exercícios, compêndios e dicionários. O êxito guindou-a a uma das mais fortes editoras do País, com oficinas próprias. Com a sua morte, o filho, Américo Augusto Areal, dinamizou a empresa e experimentou lançar-se nos livros infantis. Até aí (1980), esse gênero era dominado pela editora Verbo. Pensou investir e “perder” dinheiro durante 3 anos, para habituar o mercado ao seu produto. Por espanto, ao fim de um ano estavam a ganhar dinheiro. Ampliarão a oficina, embora fizessem também trabalho fora dela, e lembrou-se de pegar nas Histórias em Quadrinhos como apoio aos livros escolares. Portanto, Quadrinhos Históricos.

Como eu nessa altura tinha vários livros do tema já publicados, “Peregrinação de Fernão Mendes Pinto”, “Lusiadas”, “O Bobo” de Alexandre Herculano, “Autos de Gil Vicente”, além de livros ilustrados, de autoria de Adolfo Simões Müller e outros, convidou-me para fazer parte da equipa.

Nessa altura estava na Editorial Notícias, em Lisboa. Ao fim de 2 anos de insistência, deu-me conta de seu ambicioso projeto, de reunir na editora todos os desenhadores disponíveis com características para o gênero que lhe interessava, fazendo uma grande campanha na TV, não sobre cada livro a sair, mas em coleções. E convidou-me a fazer parte dos quadros da empresa, como funcionário, condição que tinha já na Editorial Notícias. E como sabe, conseguiu dar um incremento notável à edição de Quadrinhos, com autores veteranos e jovens a iniciar a carreira. Deu-me “carta branca” para fazer o que quisesse, mas eu nunca abusei dessa simpatia, e escolhi sempre títulos e coleções que fossem rentáveis para a editora. Mas o Américo Augusto dizia: a vocês compete criar os livros, à editora compete vendê-los. E a “máquina” que tinham montado, que era poderosa, conseguia mesmo isso. As tiragens de cada título eram de 5000 exemplares e avançavam para segundas e terceiras edições, porque como punham no mercado material didático, o escolar, que os estudantes eram “obrigados” a consumir, as livrarias lucravam muito com isso, mas tinham de receber e fazer por vender as outras edições (os Quadrinhos). E o vender ou não, em Portugal, está centrado aí: nas livrarias ou postos de venda. A livraria deixa que se venda em vez de fazer por vender. Não perde nada, o que não vende devolve, o que se estraga pelo sol e pela chuva vai de volta para a distribuidora que por sua vez devolve ao editor. Encantados da vida.

Nos anos 90, a ASA pensou no mercado dos Palopes, e criou a “ASA Literatura”, só com autores africanos, e instalou em Angola uma representação, publicando uma grande coleção para aparecer em grande. Contraiu empréstimos em 11 bancos portugueses. Nada levava a supor que a Guerra em Angola rebentasse. De imediato perderam o que tinham investido no terreno, e perderam o mercado leitor e comprador. Como é que em guerra havia alguém para comprar livros em língua portuguesa? Quando chegou a hora de pagar aos bancos, a ASA teve de alienar património, armazéns, edifícios em Lisboa e no Porto, fazer contas aos centavos. Nessa altura os vários diretores dos departamentos da editora faziam por editar muito, para mostrarem serviço, como se a ASA fosse uma Fundação. O que estava à frente dos Quadrinhos, António Linhares, não zelava pelos interesses da editora, era como se mantivesse os colaboradores com subsídios. Faziam normalmente contratos com os autores para fazerem um livro num ano, e iam pagando pelas páginas logo que iam fazendo. Havia um dos jovens, Fernando Relvas, que tinha 4 histórias começadas e nenhuma terminada. Eu tinha um estatuto diferente. Garantiam-me um ordenado fixo e fazia dois livros por ano. Com a minha organização e auto disciplina, sempre cumpri.

O próprio Américo Augusto chamou-me para dizer que era o único a cumprir os contratos. Os meus colegas, pela facilidade adquirida, iam fazendo as páginas, interrompiam para fazer outros trabalhos de rendimento imediato, e quando estavam a precisar de dinheiro, faziam mais algumas páginas que recebiam logo. Muitos tinham já passado 2 anos sobre o compromisso de um ano, e o empate de capital da editora nos Quadrinhos era de um milhão de contos de reis (cada conto era de 1000 escudos). Pararam e mudaram a estratégia: só voltariam a pagar páginas, quando cada autor entregasse o resto do livro pronto. Muitos revoltaram-se e alguns desistiram de continuar. Não perdiam nada, pois tinham já recebido o que haviam feito. Eu continuei, como digo, pois não estava atingido por essa medida. E continuei na editora a produzir. Mas enquanto que na assinatura do contrato me tinham pedido exclusivo, mesmo para trabalhos que podia fazer ao serão, que eram pagos aparte, chegaram à conclusão que não tinham condições de publicar toda a minha produção e levantaram essa cláusula. Eu arranjei um cliente, “O Soajo”, e fizeram um orçamento para mandar à Autarquia. Mas em vez de o enviarem por escrito deram-me pelo telefone e fui eu a dar os valores. A Autarquia aceitou e de repente a ASA vem dizer-me que se tinham esquecido de incluir o valor do meu desenho. Era mais um X. Fiquei varado, era eu que dava a cara e parecia negócio-de-sardinhas (como dizemos em Portugal, quem dá mais).

Estava disposto a desistir do trabalho, quando encontro o Baptista Lopes, na altura ainda na Editorial Notícias, desabafei com ele, que me disse que o valor apresentado pela ASA dava para fazer a edição e pagar-me os desenhos. Tinha sido um orçamento atirado para o alto. Por isso esse livro foi editado pela Notícias, e até teve edição em inglês e francês.

Sai da ASA, mantendo a amizade com o Américo Augusto, até hoje. Mas ele meteu-se num negócio megalómano, de uma livraria monumental, fora de época, vendeu a ASA à LEYA, rebitou com o investimento e retirou-se. A LEYA não investe, edita o que está previamente vendido, virou-se para os franco-belgas e vai deixando andar. Adquiriu a maior parte das editoras e desistiu dos autores de pequena tiragem vendida. Tem as editoras para negociar, como quem compra edifícios, faz-lhe uma pintura e torna a vender com lucro.

Este é o nosso panorama editorial. Sobrevivem alguns independentes, a Âncora, a Gradiva, com grande esforço, e eu ajudados no que posso, editando, arranjando clientes, como Valdevez e o Corvo, ofereci o trabalho de recuperação de “Os Doze de Inglaterra”, um ano de trabalho, mas que me deu muito gozo. Tudo por amizade aos editores. Todas as edições que faço com apoio de aquisição de exemplares por parte de entidades, TODAS, têm distribuição em todo o País, condição imposta por mim. Ganharei menos mas tenho o trabalho distribuído.

Muito obrigado pela explicação sobre a trajetória da editora ASA, muito rica em informação, com os acertos e erros de decisão editorial. No fim das contas, a mudança de linha editorial da ASA, abandonando os álbuns de autores portugueses foi simplesmente pela venda da editora para um grupo que não tem o menor interesse nisso. Uma pena, pois o trabalho era muito bom, tanto na edição de novos álbuns como na coletânea de clássicos perdidos nas publicações periódicas não acessíveis à maioria dos leitores. Muita coisa foi publicada, mas muita coisa ainda ficou à espera. As suas ‘Lendas Japonesas’ é uma delas. Outra que merecia resgate é o trabalho infantil de Eduardo Teixeira Coelho. Alguma coisa desse material foi publicado no Brasil, pela editora La Selva, mas igualmente em revistas que não se encontram mais disponíveis. Estava vendo esta semana a edição mais recente de “Boletim do CPBD”, que o Carlos Gonçalves me enviou, com uma relação extensa dos trabalhos de ETC Coelho. E estava lá uma coleção de livros infantis publicados pela Fomento na década de 1950, com poucas páginas, mas coloridas e aparentemente em forma de BD, um trabalho primoroso de ETC, pelo que deu para ver.

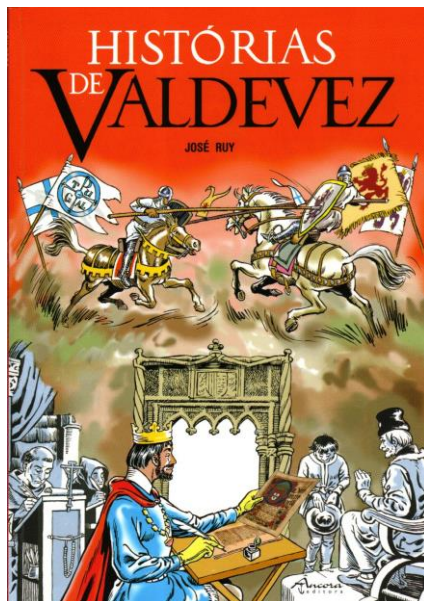
Agora é confiar que a Âncora continuará publicando os autores portugueses na medida do possível. Talvez ela pudesse se animar a tentar uma coleção de resgate de trabalhos antigos.

Recebi o bem cuidado número 139 do seu fanzine “QI”, que chegou em boas condições e que muito lhe agradeço. Acabou de imprimir o meu recente livro “Histórias de Valdevez”, cujo exemplar vou lhe enviar na próxima semana. Também já vou adiantando no outro livro “A Ilha do Corvo que Venceu os Piratas”.

Recebi esta semana o álbum “Histórias de Valdevez”, muito obrigado. O trabalho está ótimo, ficou interessante a divisão em duas épocas diferentes, com enfoques bem distintos. Na primeira, a luta pela consolidação do país, com todas as estratégias, as traições, as espertezas; e na segunda, os fatos corriqueiros que não podem ser resolvidos pela falta de uma legislação clara. São aspectos históricos que passam batidos nos livros oficiais.

Grato pela apreciação ao meu livro “Histórias de Valdevez”, que muito considero, pois sei não se tratar de uma cortesia de amigos. Este livro contempla realmente os dois acontecimentos mais importantes para o país em tantos anos de História, e pretendeu-se assinalar neste 2016 a comemoração dos 500 anos da entrada em vigor do Foral, outorgado pelo Rei Manuel I. Ele fez cerca de 500 novos Forais beneficiando a justiça em todo o País.

Junto mais uma das recentes pranchas, ainda a preto e branco, da “Ilha do Corvo que Venceu os Piratas”. Por mim, seria um livro mesmo a preto e branco, sem a cor, o que até sairia muito mais barato, mas o editor e o promotor acham que o livro assim pode parecer inacabado, pois em Portugal criou-se o hábito do livro colorido, à maneira dos franco-belgas. Vamos ver.



DENIS DE MENDONÇA

R. Jacareí, 23 – São Paulo – SP – 01319-040

Segue meu novo lançamento, “Versos Curtos II” é um fanzine de poesia, crônicas e contos, falo de amor, ódio, revolta, ironia, política e espiritualidade, são 60 páginas no formato meio ofício, preto e branco, R\$ 7,00 com o frete incluso. O próximo, vou mesclar quadrinhos e poesia novamente, neste é poesia nua e crua.

Estive afastado um bom tempo das publicações independentes e peço desculpa pelo sumiço, parabéns pelos 139 números do “QI”, e tive o prazer de participar do “QI” especial tempos atrás com um desenho.

PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28 E – Santa Luzia – MG – 33140-250

A crise econômica está tendo consequências diretas em minha região. Cartas passaram a ser entregues espaçadamente em minha casa: uma vez por semana, uma vez por quinzena... Reclamei no sítio da EBCT. Falaram que está normal. Mas o carteiro disse que falta pessoal e não estão contratando.

ROBERTO HOLLANDA

R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 – Rio de Janeiro – RJ – 20720-035

Andei sumido mesmo de cartas, respondendo mais por e-mail e Facebook, mas uma hora acabo postando por carta, porque prefiro. Tive um grande susto, um AVC chegou a me deixar em coma por 2 dias, escapei por pouco de ir morar para sempre no Reino de Arlequim, mas voltei para contar o resto de suas histórias até o número 40. Estou desenhando no momento a nº 32. Impresso, estou montando a nº 24, mas pode-se ver todas as edições em: www.hollandacomics.blogspot.com.br.

Recentemente, lancei este “Arlequim Especial”, ótimo ponto de partida para novos leitores. Janeiro de 2017, Arlequim completa 20 anos. Como o tempo voa! Ainda me lembro da primeira carta sua, me enviando 5 reais para comprar adiantado edições de “Arlequim” quando ela ainda estava no nº 3! Vou lançar um especial de 20 Anos, com vários esboços de variadas épocas, roteiros não aproveitados, etc. Obrigado por sua longa amizade!

O “QI” 139 chegou com um certo atraso. Mas chegou! Incrível o seu retrospecto sobre Batman no Brasil. Um trabalho realmente de fôlego, pois as complicações para se chegar àquele apanhado detalhado e completo são muitas e, sem dúvida, a “garimpagem” para encontrar todas aquelas informações foi mais difícil do que encontrar ouro na antiga Serra Pelada. Você já tinha feito algo semelhante com o Capitão América. No Brasil, a distribuição e a publicação do material da DC e da Marvel tornou-se um completo emaranhado, um quebra-cabeças, para qualquer leitor que queira acompanhar de forma cronológica os seus personagens favoritos.

Muito bom e oportuno o encarte sobre as revistas de faroeste. Os leitores jovens de hoje quase desconhecem o gênero. Se sabem da existência dele, sabem-na exclusivamente pela revista “Tex”, que me parece o último cowboy vivo e ainda cavalgando por terras brasileiras. O gênero perdeu o seu “glamour”, ninguém mais acredita nos cowboys e xerifes de antigamente. Hoje, a crença está nesses super-heróis de caras raivosas, brigando entre eles mesmos, parecendo desejar a destruição da humanidade. A luta pura e simples do bem contra o mal desapareceu, pois hoje a linha que divide o certo do errado, o bem do mal, é muito tênue, quase inexistente. Os leitores veteranos, no entanto, sabem perfeitamente como as velhas revistas de faroeste foram populares no Brasil. Na década de 1950, publicações com super-heróis ficavam em segundo plano, eram minoria. O que vendia mesmo nas bancas eram os gibis de faroeste. Dezenas de títulos estavam presentes todos os meses nos jornaleiros. O sucesso do gênero no Brasil foi até mesmo mais duradouro do que nos Estados Unidos, país de origem da maioria desse material. Quando lá as revistas de westerns já tinham sido canceladas ou pingavam raramente, no Brasil elas continuavam bem vivas. A Rio Gráfica e Editora, sem material original, para manter vivas as suas revistas, passou a desenhar aqui mesmo novas histórias de Rocky Lane e outros cowboys. O espetáculo não podia parar. Os cowboys precisavam continuar cavalgando, mesmo nas pranchetas de desenhistas brasileiros. Isso, no entanto, foi no passado. Hoje, eles já não cavalam mais, pois a tecnologia dá aos heróis o poder de voar.

IRAN SILVEIRA

R. José Feliciano Karasek, 63 – Florianópolis – SC – 88040-660

Envio a primeira edição de “O Inadequado”, zine sobre poesia, política, música e cultura underground. Não é meu primeiro zine. Em 1995, fiz o “Cabaret”, que inclusive foi mencionado no então “IQI”. Depois disso passei a produzir sazonalmente. Feliz em saber que teu trabalho continua e melhor que antes.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Júnior, 66 – Garani – Brusque – SC – 88350-685

Fiquei feliz de ler o “QI” 139, com as matérias do editor sobre Batman no Brasil, que relata a história de Batman em Quadrinhos, trazendo muitas notícias que eu desconhecia. Uma riqueza de detalhes, desde o aparecimento de Batman nos USA, e sua estreia no Brasil. E uma generosa galeria de fotos. Também gostei da matéria de Marcelo Correia Lima sobre Daniel Azulay e a Turma do Lambe-Lambe. ‘Mantendo Contato’ do Worney continua bom, como sempre.

O encarte do Carlos Gonçalves está soberbo. Além da história dos Cowboys dos Quadrinhos e do Cinema, nos USA e no mundo, está ricamente ilustrado. Voltou à minha mente as leituras de revistas como “Cine Aventuras” e “Cinemim” da década de 1950, onde, além da História em Quadrinhos, também trazia notícias do mundo do Cinema, fotos dos grandes atores e atrizes da época, como John Derek, Jody Lawrence, Cosetta Greco, Walter Pidgeon, Ann Harding e Barry Sullivan. Acrescente-se a tudo isso mais a Conversa do Diretor com os leitores e a coluna de correspondência, somando ainda a penúltima contra-capas com biografias, como as de Barbara Rush, Alan Ladd, Rodolfo Valentino e Errol Flynn.

ABELARDO SOUZA

R. Osvaldo Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370

Desculpe-me pela demora em escrever. A “vicúnia” entrou em minha vida há 5 meses e ela não quer me largar. Fui parar no hospital e lá me disseram que era dengue. O meu cardiologista informou-me que era “vicúnia” e o dermatologista mandou descansar, descansar... Até hoje as minhas “juntas” doem ao menor esforço. A boca miúda do povo informa que essa doença leva mais de um ano para sumir. Será que eu aguento? Chega de chororô! Parabéns pelos “QI”s 138 e 139, estão de 1ª. O trabalho de Batman no Brasil está de fazer inveja pela exatidão. No ‘Fórum’, encontro um velho amigo, o Lio Bocorny. Considero-o um dos maiores colecionadores de Estampas Eucalol e cards sobre cinema.

FRANCISCO FILARDI

Est. Adhemar Bebiano, 257, bl.3/306 – Rio de Janeiro – RJ – 21051-071

Muito oportuna a reprodução da entrevista com o José Menezes. Em quase 30 anos, pouco mudou no panorama – que não é exclusivo dos quadrinhos, pelo que parece. Mas não concordo quando ele diz que uma possível solução seria a criação de sindicato. Minha experiência com sindicatos não é boa. Em geral, órgãos representativos cuidam dos interesses de uma minoria. A política é uma espécie de Midas às avessas: onde põe a mão, estraga. A realidade do segmento, hoje, é distinta: há editoras que dedicam aos quadrinhos, muito embora eu não disponha de dados acerca da participação de quadrinhistas brasileiros. O que me parece é que ainda há uma certa resistência do público leitor em relação à produção nacional. Aqui no Rio percebo que a participação de quadrinhistas em eventos, realizando palestras e apresentando seus personagens, tem se mostrado positiva. Já a eficácia desse processo se vê comprometida pela concorrência, que é muito grande. O importante é não desistir; é preciso debater, estudar o mercado, propor soluções.

Não sei se, quando o José Menezes diz “sindicato”, está se referindo a esta organização de classe que nós aqui conhecemos por este nome. Pode ser que sim, mas talvez ele estivesse apenas fazendo uma tradução literal de “syndicate”, que nos Estados Unidos é uma agência distribuidora de material jornalístico. A Editora Carneiro Bastos, mencionada no texto, foi uma tentativa de uma distribuidora, feita pela iniciativa privada, nos moldes dos “syndicates” norte-americanos. Posteriormente, a Funarte, órgão do governo federal, também tentou criar uma agência nesses moldes. Acho que existe até hoje, embora não tenha alcançado a projeção das originais norte-americanas.

JOSÉ AUGUSTO PIRES

R. Dr. Carlos Mascarenhas, 107, 4º Esq – Lisboa – 1070-082 – Portugal

Agora que temos o Rob the Rover e praticamente todas as séries de Walter Booth já publicadas (falta apenas uma história curta, ‘Chums of London Town’), vai sendo tempo de explorar novos horizontes. Ainda faltam 20 episódios do Matt Marriott para a série terminar, mas nunca foi homem de ficar parado, já sabe. Por isso tenciono publicar bastantes números das séries ‘Matt Dillon’ e ‘Wes Slade’, na vertente western. Para a substituição do Rob the Rover, encaro a hipótese de publicar uma série de Ficção Científica e Terror com material de origem norte-americana, francesa e espanhola. Me diga por favor se estará eventualmente interessado em alguma dessas futuras séries. Se tiver alguma outra sugestão, será bem vinda.

CASSIO COSTA LIMA

R. Fagundes Varela, 620 – Curitiba – PR – 82520-040

Estou lhe escrevendo com a intenção de solicitar informações sobre o “QI”, especialmente sobre a questão da assinatura. Tenho visto ele ser citado com frequência no blog ‘Mensagens do Hiperespaço’ e toda vez fico muitíssimo curioso em relação ao conteúdo da publicação devido às excelentes ilustrações das capas. Parte da curiosidade foi amenizada pela disponibilização dos números no site Marca de Fantasia. Apesar disso, gostaria de lê-los em mãos.

EDIÇÕES DE FORA

Gerd Bonau enviou 4 edições alemãs. A primeira, “Pure Fruit” nº 11, já foi divulgada várias vezes no “QI”, é uma revista totalmente colorida com ótima qualidade gráfica, com autores independentes que, neste número, homenageiam Gus Dirks, autor do começo do século XX, desenhando seus personagens de ‘Bugville Life’. As outras três são exemplares de “Gratis Comic Tag”, revistas grátiis de ótima qualidade reproduzindo material de álbuns das editoras alemãs. O primeiro traz material do décimo álbum do franco-belga ‘Titeuf’, de Zep, que teve seus primeiros álbuns publicados no Brasil. A seguinte traz 2 capítulos de “Ei8ht”, primeiro álbum da série do brasileiro Rafael Albuquerque com participação de Mike Johnson, publicado originalmente pela Dark Horse, e que teve no Brasil uma edição independente com o primeiro capítulo feita pelo próprio autor e recentemente edição da Panini com os 5 primeiros capítulos. O terceiro é uma bela obra de Ben Haggarty e Adam Brockbank, intitulada “Mezolith”, ambientada obviamente na pré-história. Ótimos desenhos e uma temática muito interessante.



Roberto Mac-Ghan enviou 3 catálogos de salões espanhóis de quadrinhos de Barcelona, dos anos 1984, 1991 e 2002. Muito interessantes, com muito material totalmente desconhecido para mim. Mas mais interessantes foram os 3 títulos de revistas populares em língua espanhola de várias décadas passadas. “Aventuras” é argentina da década de 1940, traz aventuras em continuação de várias procedências, incluindo Superman, Garth e adaptações literárias aparentemente de autores argentinos. “El Peneca” é chilena, não tem data, mas o número enviado é o nº 2401. Tem a mesma fórmula de histórias em continuação, mas a temática é mais variada, incluindo histórias humorísticas. Além de ‘Lone Ranger’, ‘Roy Rogers’, ‘Blake e Mortimer’, o personagem infantil que dá nome à revista parece ser chileno. “Fredy” é uma edição espanhola no formato horizontal, bem simples na produção dedicada às aventuras do jovem Fredy, assinada por F. B. White, ambientada na colonização norte-americana.



Divulgação do “QI” 139 feita por CESAR SILVA em seu blog: <http://mensagensdohiperespaço.blogspot.com>

Está circulando o número 139 do fanzine “Quadrinhos Independentes – QI”, editado por Edgard Guimarães, dedicado ao estudo dos quadrinhos, destacando a produção independente e os fanzines brasileiros.

A edição tem 32 páginas e traz a continuação do depoimento de José Ruy sobre o periódico português “O Papagaio”, artigo do editor sobre a trajetória editorial de Batman no Brasil, transcrição de um artigo de 1978 sobre o quadrinhista Daniel Azulay, quadrinhos de Luiz Cláudio Lopes Faria, Chagas Lima e do próprio editor, e as seções ‘Fórum’, ‘Mantendo Contato’ e o catálogo ‘Edições Independentes’ com os lançamentos do bimestre. A capa tem uma ilustração do editor, com cores aplicadas à mão.

Junto ao “QI”, os assinantes receberam também um fascículo de 12 páginas, primeiro número da coleção ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’, dedicado aos ‘Cow-boys de Antigamente’, assinado por Carlos Gonçalves.

O “QI” é distribuído exclusivamente por assinatura, mas uma versão digital pode ser encontrada no site Marca de Fantasia.

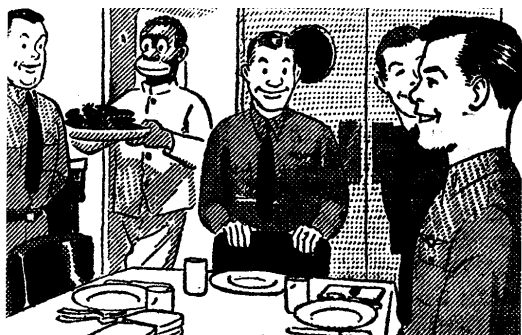


Foto de arco e gancheta enviada por Carlos Gonçalves.

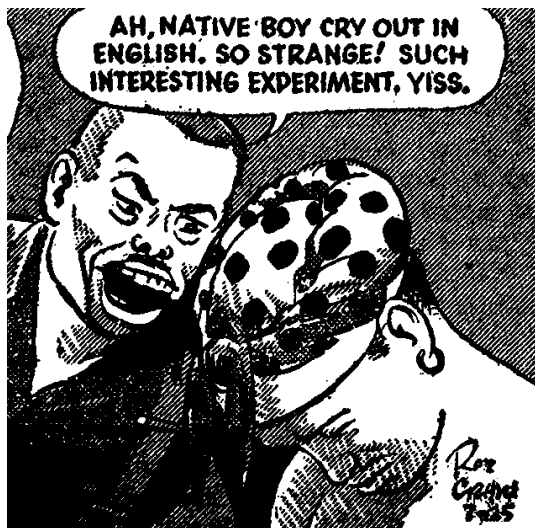


Denilson Rosa dos Reis divulgando o “QI”.

Recentemente a editora norte-americana Fantagraphics começou uma coleção publicando a tira ‘Buz Sawyer’ (no Brasil, ‘Jim Gordon’), de Roy Crane, desde seu início, em 1/11/1943. Logo no início da aventura, na tira 23/11/1943, Crane desenhou a imagem abaixo. Seu editor lhe escreveu dizendo que não pretendia censurá-lo, mas aconselhava a não usar imagens estereotipadas de “pessoas de cor” (termo usado por ele), pois a comunidade negra norte-americana estava se organizando e prometendo boicote a tudo que consideravam racismo. Crane acatou a sugestão e durante anos nenhum personagem negro apareceu em sua série. O livro da Fantagraphics publicou a tira exatamente como feita originalmente, mas fez a observação sobre o contexto da época, tanto a questão do modo como os negros eram caricaturizados nos comics, como a mudança da sociedade americana com a organização dos grupos que passaram a ter voz ativa na sociedade justamente em consequência de suas participações na Segunda Guerra.



Mas o cuidado que o editor da tira na época de sua publicação original teve em relação à reação dos negros norte-americanos, não teve em relação à representação dos orientais, em particular dos japoneses. Estes eram os inimigos na Segunda Guerra e, dizem, japoneses e descendentes que moravam nos EUA foram enviados para campos de concentração em solo americano. Portanto, para eles estava liberada a representação grotesca e Crane não se fez de rogado, como mostra a imagem abaixo. Sempre dentro do contexto da época.



Alguns personagens brasileiros de Histórias em Quadrinhos foram homenageados pelos Correios em 1993, por ocasião da 2ª Bienal Internacional de Quadrinhos, no Rio de Janeiro. Foram 4 personagens e apareceram em cartões postais e selos: ‘Nhô Quim’ de Angelo Agostini, ‘Benjamin’ de Luis Loureiro, ‘Lamparina’ de J. Carlos, ‘Reco-Reco, Bolão e Azeitona’ de Luiz Sá. Lamparina não era a única a usar os estereótipos “racistas”.



MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

O MORTO DO PÂNTANO, O TERROR ENCARNADO

O Morto do Pântano foi criado por Eugenio Colonnese, em 1967, para ser o segundo personagem da revista **Mirza, Mulher Vampiro** (editora Jotaesse). Se a vampira era a personagem da sedução e do vampirismo, o Morto era o bruto e o violento. Segundo o próprio autor, a inspiração veio das terras portenhas: “Eu fiz uma história em quadrinhos, em Buenos Aires, para a revista **Intervalo**, ambientada num castelo, que tinha um mordomo que parecia o Morto do Pântano. Assim, quando criei a Mirza, deveria haver um contraponto (uma bela e uma fera na mesma publicação) e eu já tinha a figura do Morto em mente. E ele nasceu para ser um justiceiro, com machado e tudo mais”. – entrevista concedida em maio de 2002.

A construção do personagem foi feita com poucas características. Sua principal função era a vingança, especialmente contra malfeitores. Na primeira HQ, ‘Sou: O Morto do Pântano’, ele é apresentado como um ser sobrenatural que habita o pântano há séculos.

Fisicamente o Morto é um ser deformado, caolho, com uma cabeleira desganhada, corcunda, baixo, magrela, com roupas em farrapos e um estranho par de sapatos em pedaços. Sua figura sofreu poucas alterações no decorrer do tempo, apenas mudando pelo apuro da arte de Colonnese. Uma alteração curiosa pode ser notada na fase da editora D-Arte, quando o personagem é apresentado em vários quadros com o dedo no nariz! De certo algum reflexo nervoso ocasionado pela idade!

Sua principal ferramenta de trabalho é um machado, quase sempre manchado de sangue, com um longo cabo, muito parecido com uma arma medieval. Não se pode esquecer de sua inconfundível gargalhada. Tétrica, ela sempre anunciava um novo corpo no fundo do lamaçal.

Um elemento do argumento original do personagem, que está presente em todas as histórias, é o elemento sobrenatural, desde sua origem, missão e interferência para conter os criminosos. É claro que o Morto é um executor que recebe seus opositores em sua casa: o pântano. Ele nunca deixou seu ambiente. Aparentando uma ligação mística com o lugar.

As histórias da primeira fase do Morto (na editora Jotaesse entre 1967 e 1968) foram ambientadas em algum pantanal do sul dos Estados Unidos, haja vista que todos os personagens tinham seus nomes grafados em inglês e suas

roupas se assemelhavam com americanos típicos dos anos 1960. Parece que Luís Meri (o primeiro roteirista do Morto e de Mirza) procurava firmar apenas alguns aspectos físicos e psicológicos dos personagens, deixando um ar de indefinição generalista para os cenários. Apenas numa história (sem título, publicada em **Mirza, Mulher Vampiro** n° 9), o cenário muda; foi narrado pelo Morto num castelo em ruínas na Inglaterra.

Já nas histórias criadas, nos anos 1980, para as revistas da editora D-Arte, os roteiristas (especialmente Osvaldo Talo) procuraram localizar o Morto em alguma região interiorana do Brasil. Tornando o personagem uma espécie de lenda cabocla, algo próximo ao curupira. Osvaldo Talo também desenvolve uma explicação para a origem do personagem. Na HQ ‘Corpos Sem Cabeça Não Falam...’, ele é apresentado como um juiz de comarca que foi assassinado, juntamente com a esposa e a filha, por alguns detentos furtivos, com um machadão, que rachou sua cabeça. A partir daí, ele passa a habitar uma região inóspita e pantanosa, que se torna seu domínio.

O Morto do Pântano tem atitudes distintas em suas histórias. Em algumas ele é apenas um narrador (muito parecido com as HQs da EC Comics, dos anos 1950), mas na maioria das vezes ele é o personagem principal e motivador da ação. Nosso vingativo amigo tem uma longa folha de serviço: 12 pescocões cortados, 5 cabeças rachadas, 5 afogamentos, 2 ataques cardíacos, 2 estrangulamentos, 1 peito rachado e 1 facada. Além dessa lista, temos as mortes não impostas pelo Morto (9 por tiros, 3 facadas, 3 afogamentos, 1 paulada na cabeça, 1 cabeça rachada, 1 pescoço cortado, 1 estrangulamento, 1 estaca no peito, 1 morte por fadiga e 1 estupro) e os falecimentos feitos por habitantes do pântano: 3 por perninhos venenosos, 1 por um jacaré e 1 por uma sucuri. Não esquecendo de um caso de loucura.

Apesar de sua grande trilha de sangue, o Morto sempre foi um gozador. Amedrontava ao máximo suas vítimas, com seu grande sarcasmo. Mas nosso amigo também teve momentos de ternura como na HQ ‘A Pequena Silvia’, quando ele salva a menininha e sua cachorra Fifi de dois sequestradores.



Sintonizado com a realidade, o personagem tratou do cultivo e consumo de machonha na HQ ‘Erva Maldita!’, dirigiu ‘O Calhambeque Vermelho’ (inspirado na música ‘Calhambeque’, grande sucesso de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, no final da década de 1960), mostrou o estupro em ‘Fuga para o Amor e a Morte!’, tratou do tráfico de cocaína em ‘Noite de Luar... no Pântano!’ e abordou a recente onda de sequestros de políticos em ‘A Noite dos Sequestradores’.

Apesar de ser contemporâneo de Mirza, o Morto do Pântano só contracenou duas vezes com sua “irmã” de criação; na autobiográfica história ‘De Volta ao Mundo do Terror’ (publicada na revista **Spektrum** nº 23), onde Colonnese é atormentado por seus personagens e obrigado a voltar a desenhar quadrinhos por um divertido pacto entre o diabo e o editor Otacílio D’Assunção e em ‘A Noite dos Sequestradores’, onde ajuda a sensual vampira a enfrentar uma difícil situação.

Sem dúvida, o Morto do Pântano é um dos melhores personagens de terror do Quadrinho Nacional e, apesar de ter apenas vinte histórias publicadas, tem uma grande possibilidade de ser desenvolvido e mereceria novas aventuras no nebuloso e assustador século XXI.

CURIOSIDADES SOBRE O MORTO DO PÂNTANO

Os roteiristas do Morto do Pântano foram: Luis Meri (9 histórias), Osvaldo Talo (5 histórias), Eugenio Colonnese (2 histórias), Basílio de Almeida (1 história), Décio Miranda Júnior (1 história), Otacílio D’Assunção (1 história) e Franco de Rosa (1 história).

Apenas outro desenhista ousou retratar o vingativo personagem. O Mestre Rodolfo Zalla deu sua definição de traço em uma ilustração para o editorial da revista **Mestres do Terror Especial** nº 2 e em duas capas: **Calafrio** nº 51 e **Mestres do Terror Especial** nº 1.

Pessoas famosas já foram retratadas nas HQs do Morto do Pântano como o editor Otacílio D’Assunção e o próprio Colonnese na HQ ‘De Volta ao Mundo do Terror!’, David Carradine (o Kung Fu do seriado de TV) em ‘Noite de Luar... no Pântano!’, Mazzaropi em ‘Corpos Sem Cabeça Não Falam...’ e José Luiz Datena (apresentador de TV) em ‘A Noite dos Sequestradores’.

A figura do Morto do Pântano inspirou Colonnese a criar uma HQ para a revista **O Esquife** nº 1 (Gráfica Editora Penteado) chamada ‘O Monstro das Charnecas de Fogo!’, de 10 páginas. A tragédia acontece na baixa Escócia, no solar abandonado dos MacLords, onde uma maldição transforma as mulheres da família em horrendos monstros das charnecas, muito parecidos com o Morto.

Mesmo não aparecendo explicitamente, o Morto é referenciado pela aparição de seu machado fatal nas capas de **Calafrio** nº 6 e de **Mestres do Terror** nº 3 (onde é contada a origem de Mirza pelo texto de Osvaldo Talo).

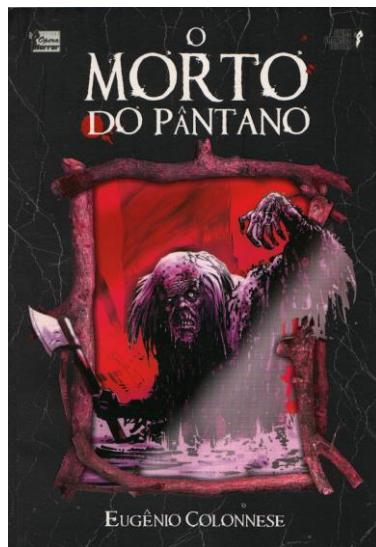
Uma das peculiaridades do trabalho de Eugenio Colonnese é o uso da metalinguagem. Várias de suas histórias se referem a tramas vividas por roteiristas e desenhistas de Quadrinhos. O próprio Colonnese se autodesenha em ‘O Modelo Fatal’, ‘Sandra’ (Luis Meri é o principal personagem), ‘Severino, o Desenhista’ e ‘Choro de Criança’. Em todas essas histórias, a figura do Morto aparece em cartazes ou ilustrações em cima de pranchetas.

Sempre é interessante ressaltar que o Morto do Pântano é um personagem de terror e foi criado em 1967. Muito antes dos dois personagens americanos corpulentos e atormentados: um da Marvel Comics, Coisa do Pântano (Man Thing), e outro da DC Comics, o Monstro do Pântano (Swamp Thing), que tiveram suas primeiras publicações em 1971. Os dois personagens caminham pelas trilhas dos super-heróis e apresentam características e motivações distintas do Morto.

Evidente que nenhum autor americano deve ter conhecido nosso corcunda vingador. Apesar dos cenários serem os mesmos, os roteiros e desenhos não coincidem. Existe alguma controvérsia sobre qual dos dois personagens anglo-saxões foi plagio do outro, mas, sem dúvida, o nosso Morto nasceu primeiro e é mais original.

(No próximo número, *Cronologia das Aparições do Morto do Pântano.*)

WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)



EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

ÁLBUNS DE BANDA DESENHADA * 3 *BDs* com *História de Portugal* * 2015 * 100 pág. * A4 * color. * a/c **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

ARBOREDO * *HQ* *bônus* no *CD gratuito* com a 2ª edição de *“The Hat”* * 2016 * 4 pág. * color. * **Ricardo Alexandre** – R. São Domingos, 1065 – B. Piscina – Andradina – SP – 16901-420.

ARLEQUIM ESPECIAL * fev/2016 * 28 pág. * A5 * capa color. * **Roberto Hollanda** – R. Sousa Aguiar, 322, casa 5 – Rio de Janeiro – RJ – 20720-035 – arlequimhc@yahoo.com.br.

ARQUIVO * n° 54 * abr/2014 * 20 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

CARTILHA DA TRANSITOLÂNDIA * 2016 * 12 pág. * A5 * color. * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTUM * n° 104 * jun/2016 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

CARTUM * n° 105 * jul/2016 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 90,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * n° 21 * 2016 * 72 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDAVENTURAS ESPECIAL * *Rob the Rover em inglês* * n° 27 * 2016 * 66 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

FANDWESTERN * *Série Matt Marriott* * n° 46 * 2016 * 56 pág. * A4 * capa color. * 10 euros + porte internacional * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.

GIBI DE FAROESTE * n° 4 * jun/2016 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

THE HAT * *CD gratuito* com a 2ª edição de *“The Hat”* * 2016 * 28 pág. * capa color. * **Ricardo Alexandre** – R. São Domingos, 1065 – B. Piscina – Andradina – SP – 16901-420.

INFORMATIVO 2016 * mar/2016 * 4 pág. * A5 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

LEITOR VIP * n° 35 * jul/2016 * 16 pág. * A5 * **Aldo dos Anjos** – R. Nova Trento, 758 – Azambuja – Brusque – SC – 88353-401.

MICRONAUTA * n° 1 * mar/2015 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

MOCINHOS & BANDIDOS * n° 119 * set/2016 * 44 pág. * A4 * capa color. * R\$ 59,00 (ass. 4 n°s) * **Diamantino da Silva** – R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 – São Paulo – SP – 05640-903.

UM MUNDO PRETO E BRANCO * n° 1 * set/2016 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 6,00 * **Lincoln Nery** – R. Alcindo Guanabara, 24, sala 907 (Dr. Arhr) – Centro – Rio de Janeiro – RJ – 20031-130.

NOVO ZINE * n° 4 * mar/2016 * 12 pág. * A6 * papel color. * **Gilvânia Bastos** – R. Samburá, 61 – São Paulo – SP – 04258-040 – neguinhafarias45@gmail.com.

O POEMA DO VELHO MARUJO * *poema de Samuel Coleridge, ilustração de Gustave Doré* * jun/2013 * 92 pág. * 250x330mm * capa color. * 18,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * *páginas de 1951/52 de Hal Foster, em espanhol* * vol. VIII * mar/2013 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * *páginas de 1953/54 de Hal Foster, em espanhol* * vol. IX * nov/2013 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * *páginas de 1955/56 de Hal Foster, em espanhol* * vol. X * out/2014 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * *páginas de 1957/58 de Hal Foster, em espanhol* * vol. XI * abr/2015 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PRÍNCIPE VALIENTE * *páginas de 1959/60 de Hal Foster, em espanhol* * vol. XII * dez/2015 * 116 pág. * 270x350mm * capa 2 cores * 25,00 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

PURE FRUIT * n° 11 * 2016 * 68 pág. * A5 * color. * a/c **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

REIS DO WESTERN * *Primaggio Mantovi* * n° 1 * 2016 * 68 pág. * 180x260mm * capa color. * R\$ 49,90 + porte * **Editora Laços** – www.comix.com.br.

EL RESCATE EMOCIONAL de um CLÁSICO * *estudo sobre Príncipe Valente, em espanhol* * out/2012 * 68 pág. * 240x325mm * color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

TARZAN * *páginas dominicais de Russ Manning, em espanhol* * n° 2 * out/2014 * 68 pág. * 315x230mm * color. * 18,50 euros + porte internacional * **Manuel Caldas** – mcaldas59@sapo.pt.

TOP! TOP! * n° 27 * ago/2016 * 40 pág. * 140x200mm * R\$ 10,00 * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180 – www.marcadefantasia.com.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

ASTAROTH * n° 67 * jul/2016 * 4 pág. * A4 * **Renato Rosatti** – Av. dos Lagos, 382 – Veleiros – São Paulo – SP – 04774-000 – renatorosatti@yahoo.com.br.

BOCA DO INFERNO * n° 13 * jul/2016 * 2 pág. * A4 * **Renato Rosatti** – Av. dos Lagos, 382 – Veleiros – São Paulo – SP – 04774-000 – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 178 * jul/2016 * 13 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

JUVENATRIX * n° 179 * ago/2016 * 20 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

O CAPITAL * n° 264 * jun/2016 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

O CAPITAL * n° 265 * jul/2016 * 16 pág. * A4 * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

GOIÂNIA DE JOELHOS * 2016 * 20 pág. * A6 * **Jairo Macedo** – SQN 408, Bloco O, ap. 102 – Asa Norte – Brasília – DF – 70856-150.

O INADEQUADO * n° 1 * ago/2016 * 12 pág. * A5 * **Iran Silveira** – R. José Feliciano Karasek, 63 – Carvoeira – Florianópolis – SC – 88040-660 – iransilveira1973@gmail.com.

VERSOS CURTOS II * 2016 * 64 pág. * A5 * R\$ 7,00 * **Denis Mendonça** – R. Jacareí, 23 – São Paulo – SP – 01319-040.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA * n° 85 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

BOLETIM DA AFINB * n°s 6, 7, 8, 10, 13, 16, 17, 19/2016 – C.P. 6261 – Ag. W3 – 508 Asa Norte – Brasília – DF – 70740-971.

CORREIO DA PAZ * n° 25 * **Rosângela Carvalho** – C.P. 5366 – Ac. Taguatinga – Brasília – DF – 72010-971.

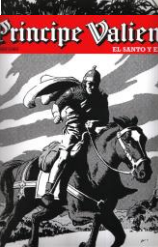
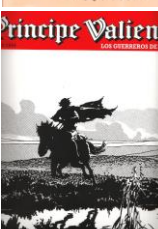
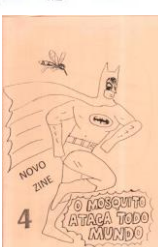
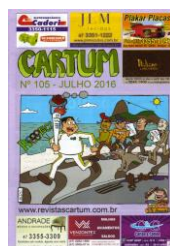
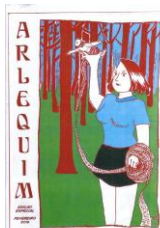
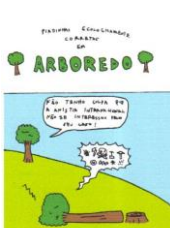
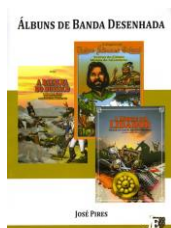
COTIPORÁ CULTURAL * n° 64 * **Adão Wons** – R. Márcilio Dias, 253 – Térreo – Cotiporã – RS – 95335-000.

O GARIMPO * n°s 132 e 133 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

VIDA E PAZ * n° 178 * **Mauro Sousa** – R. Manoel Nascimento Júnior, 366, fundos – São Vicente – SP – 11330-220.

A VOZ * n° 148 * Av. Dr. José Rufino, 3625 – Tejió – Recife – PE – 50930-000.

GALERIA DE CAPAS



Valdir Ramos enviou página da revista “Veja” de 29 de junho de 2016 com HQ dos ‘Superbiólogos’. Luiz Cláudio Lopes Faria enviou o nº 1 de “Espalha Fatos”, jornal para o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas; a cartilha ilustrada “Água – Manual de Etiqueta” feita pela organização Planeta Sustentável; minicartilha ilustrada “Ser Sustentável” das escolas Kumon; n’s 21 e 23 do jornal ilustrado “Juntos a Bordo” da Associação Brasileira das Empresas de Transporte Terrestre de Passageiros; folheto ilustrado “Novembro Azul” produzido pela Drogasil. Paulo Joubert Alves enviou o folheto ilustrado da Unimed sobre prevenção à gripe; cartilha ilustrada “Coquetel Santo André” da Prefeitura de Santo André; folheto ilustrado “A Criança Aprende Aquilo que Vive” da Farmacêutica SmithKline Beecham; e revista em Quadrinhos “Toinzinho e o Desperdício de Água” da Livraria Allan Kardec Editora.



CARTUNS E OUTROS

GROUF! PTUF!
TREQ! CABUTS!
BOUP!



ÀS VEZES,
FICO ALIVIADO
DE NÃO
CONHECER
OUTROS
IDIOMAS...

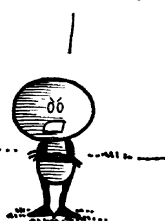


EDGARD

TOR QUE É
QUE VOCÊ ESTÁ
NERVOSO?



EU NÃO ESTOU
NERVOSO...
EU SOU
NERVOSO!

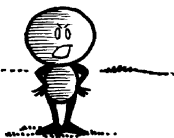


EDGARD

SINCERAMENTE,
EU NÃO VEJO MOTIVOS
PARA VOCÊ ESTAR SEMPRE
NERVOSO!



SINCERAMENTE,
EU NÃO VEJO MOTIVOS
PARA VOCÊ NÃO
ESTAR...

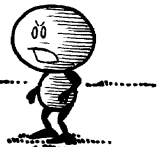


EDGARD

EU ACHO QUE É
POSSÍVEL A GENTE LEVAR
UMA VIDA TRANQUILA,
SEM ADORRECIMENTOS...



CLARO, ME
DÊ O ENDEREÇO DO
MÉDICO QUE FEZ
SUA LOBOTOMIA...



EDGARD

ONDE, AFINAL, VOCÊ
ARRANJA TANTA FONTE
DE DISSABOR?



NUNCA LEU
UM JORNAL
NA VIDA?...

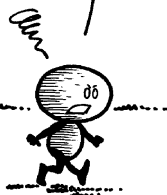


EDGARD

VOCÊ ESTÁ SEMPRE
IRRITADO! NÃO TEM
MEDO DE PEGAR
UMA ÚLCERA?



ESTATISTICAMENTE,
O CORAÇÃO PIFA
PRIMEIRO!



EDGARD